

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM
EDUCAÇÃO FÍSICA**

Diego Luis Sauer

**LAZER, *HIP HOP* E ESPAÇOS PÚBLICOS: INTERLOCUÇÕES A
PARTIR DA BATALHA DOS BOMBEIROS NA CIDADE DE SANTA
MARIA**

**Santa Maria, RS
2017**

Diego Luis Sauer

**LAZER, *HIP HOP* E ESPAÇOS PÚBLICOS: INTERLOCUÇÕES A PARTIR DA
BATALHA DOS BOMBEIROS NA CIDADE DE SANTA MARIA**

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Educação Física.**

Orientadora: Professora Doutora Elizara Carolina Marin

Santa Maria, RS
2017

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Sauer, Diego Luis
LAZER, HIP HOP E ESPAÇOS PÚBLICOS: INTERLOCUÇÕES A
PARTIR DA BATALHA DOS BOMBEIROS NA CIDADE DE SANTA MARIA
/ Diego Luis Sauer.- 2017.
74 p.; 30 cm

Orientadora: Elizara Carolina Marin
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Educação Física e desportos, Programa de
Pós-Graduação em Educação Física, RS, 2017

1. Lazer 2. Educação Física 3. Espaços Públicos 4. Hip
Hop I. Marin, Elizara Carolina II. Título.

Diego Luis Sauer

**LAZER, *HIP HOP* E ESPAÇOS PÚBLICOS: INTERLOCUÇÕES A PARTIR DA
BATALHA DOS BOMBEIROS NA CIDADE DE SANTA MARIA**

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Educação Física.**

Aprovado em 31 de março de 2017:

Elizara Carolina Marin, Dra. (UFSM)
(Presidenta/Orientadora)

Mauro Myskiw, Dr. (UFRGS)

Rosalvo Luis Sawitzki, Dr. (UFSM)

Santa Maria/RS
2017

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais, Rita e Silo Afonso, e ao meu irmão, Ivan José, pela paciência, carinho, amor e caloroso lar, fundamentais para toda a caminhada. À companheira Jossiane Ortiz Silva, pelo carinho, diálogos, paciência.

A todas aquelas e aqueles que fazem da rua e das praças seu lugar de socialização, confraternização, em especial à memória dos que já partiram, mas deixaram suas contribuições para o Movimento *Hip Hop* na cidade.

Agradecimentos

Agradeço ao apoio de minha família durante o trilhar desta caminhada.

Agradeço à professora Elizara Carolina Marin pela confiança, orientação, oportunidade de cursar pós-graduação e pelos anos proporcionados no GPELF (Grupo de Pesquisa em Lazer e Formação), importantes para a minha trajetória humana e acadêmica.

Agradeço à Jossiane Ortiz Silva pelo companheirismo valoroso, diálogos e paciência.

Agradeço aos membros do CORAP, indistintamente, pela parceria, empenho, solidariedade e por proporcionar à cidade de Santa Maria este espaço de Lazer, fundamental para a construção cultural. Momentos celebrados junto a vocês na praça me proporcionaram reflexões de grande valia em minha caminhada e sensibilização para a humanidade.

Agradeço aos colegas do GPELF, próximos ou distantes, pelas risadas, discussões, divergências, convergências, junções. Sublinho agradecimento especial à Andressa Aita Ivo, Leandra Costa da Costa e Thaianne Bonaldo do Nascimento, pela convivência e parceria, relevantes para meu amadurecimento acadêmico.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física pela oferta do curso e pelo suporte pedagógico e material. À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pela concessão de bolsa.

*Faço Rap porque acredito num começo com outras verdades
Riscos simples que me fazem fugir da maldade
Injetando autoestima no povo do gueto
Com poesia marginal que em alguns bota medo
Sem glória na história do Negrinho do Pastoreio
Novos Lanceiros Negros forjados por combate
Com boné, calça, larga alto-falantes de 5mil watts
É Correria, nos pede atitude, respeito
A cada letra são canções e emoções, recomeços
Quem disse que a perifa existe pra engordar estatísticas
Nossa cultura é a prova que isso é mentira
Enquanto os boys tomam Heineken cheiram cocaína
Enriqueço vocabulário criando umas rimas
O nosso palco é a rua sem nenhum equipamento
Mas quem colar vai se afogar em meio ao talento
É movimento, cultura popular 100%
Doente do pé é quem não ta aqui dentro
Ouvindo a rima, apreciando a jinga num break de chão
Ou fazendo improviso nas esquina junto com os irmãos
Rap pra mim é isso não olha só pro umbigo
Achar o que ta perdido, lutar pelo coletivo
Revolução através das palavras são as minhas armas
Voz explodindo nas caixas, pobres indo pra batalha
Punhos quebrando espadas
Nossa união preocupa canalhas que querem a nossa
desgraça
Mas o rap nunca para, é a voz que exalta as quebradas.*

(Poesia Marginal – MC Magrão)

RESUMO

LAZER, HIP HOP E ESPAÇOS PÚBLICOS: INTERLOCUÇÕES A PARTIR DA BATALHA DOS BOMBEIROS NA CIDADE DE SANTA MARIA

AUTOR: Diego Luis Sauer
ORIENTADORA: Elizara Carolina Marin

Esta pesquisa objetivou *investigar como os membros do CORAP pensam e elaboram as articulações entre Lazer, cultura e espaços públicos, tendo como cenário o Evento Batalha dos Bombeiros*. Para consecução da pesquisa, realizamos observações in loco, análise documental e realizamos entrevistas com membros do CORAP. Para análise dos resultados, lançamos mão da análise de conteúdo. A articulação entre as categorias Lazer, *Hip Hop*, Juventude e Espaços Públicos permitiu olhar sensivelmente para o contexto da cidade de Santa Maria. Tomamos o Lazer como uma dimensão social humana que articula um tempo e espaço para produção de cultura e conhecimento. No que tange à cidade, acreditamos que há necessidade de construir espaços públicos, fomentá-los e estimulá-los de maneira humanizada, propiciando convivialidade, segurança e bem-estar da população. O Evento Batalha dos Bombeiros é um exemplo de catalisador da ocupação dos espaços públicos na cidade. Os participantes do evento produzem por meio do Lazer um espaço de conhecimento, criatividade, convivência, reivindicação, afirmação social e fruição. Portanto, pode-se afirmar que o Lazer favorece as relações sociais, humanizando os sujeitos e, conseqüentemente, potencializa a cidade.

Palavras chave: Lazer. *Hip Hop*. Espaços públicos. Cidade.

ABSTRACT

LEISURE, HIP HOP AND PUBLIC SPACES: INTERLOCUTIONS FROM THE *BATALHA DOS BOMBEIROS* IN THE CITY OF SANTA MARIA

AUTHOR: Diego Luis Sauer
ADVISOR: Elizara Carolina Marin

This research aimed to *investigate how the members of CORAP think and elaborate the articulations between Leisure, culture and public spaces taking as a scene the Batalha dos Bombeiros* Event. To carry out the research, we conducted on-site observations, documentary analysis and conducted interviews with CORAP members. To analyze the results, we used content analysis. The articulation between the categories Leisure, Hip Hop, Youth and Public Spaces allowed to look appreciably to the context of the city of Santa Maria. We take the Leisure as a human social dimension that articulates a time and space for the production of culture and knowledge. As far as the city is concerned, we believe that there is a need to build public spaces, to foster and stimulate them in a humanized way, providing people with ease, security and well-being. The *Batalha dos Bombeiros* Event is an example of a catalyst for the occupation of public spaces in the city. The participants of the event produce through Lazer a space of knowledge, creativity, coexistence, claim, social affirmation and enjoyment. Therefore, one can affirm that Leisure favors social relations, humanizing the subjects and consequently, potentiates the city

Key- words: Leisure. Hip Hop. Public spaces. City.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. CAMINHO METODOLÓGICO	16
2.1. Análise documental	16
2.2. Observação participante	17
2.3 Entrevistas semiestruturadas.....	18
2.4 Análise dos dados	19
2.5 Algumas considerações sobre a ética e o papel da pesquisa científica	21
3. LAZER NA CIDADE: PENSANDO AS JUVENTUDES	23
3.1 Lazer por onde caminhamos	23
3.2 Lazer: apropriação e (re)significação da juventude na cidade.....	31
4. A CIDADE E O MOVIMENTO <i>HIP HOP</i>: A BATALHA DOS BOMBEIROS COMO CATALIZADOR DA OCUPAÇÃO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS	39
4.1 Elementos históricos do <i>Hip Hop</i> e especificidades do Movimento em Santa Maria/RS.....	39
4.2 “Quem chegou pra somar? É o CORAPI!”	45
4.3 Entrando na cena: do estranhamento à “enturmação”	47
4.4 Organização das batalhas de Freestyle no Evento Batalha dos Bombeiros.....	49
4.5 Ocupação do Espaço Público como direito social para a liberdade criativa.....	59
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
REFERÊNCIAS	67
APÊNDICE A	70
APÊNDICE B	71
ANEXO A	73
ANEXO B	74

1. Introdução

*#ÉoRapTio que me tirou do Mundo Frio
Sem vacilar, vou fazendo o meu na lutá
Escutando um som e se pá, me ligando onde pisá
Eu sou de Ketu também, e não há o que me derrubá
Ah, se um dia nóis, quizesse nóis, armado nóis
Ah, se um dia nóis, quizesse nóis, armado nóis
Mãe preta não tem comida irmão
Leva o teu silêncio então, é em vão
Meu violão discursa neguin
Disparando métrica sim
Foi no rap que aprendi
Ah, se um dia nóis, quizesse nóis, armado nóis
Ah, se um dia nóis, quizesse nóis, armado nóis
(#ÉoRapTio – Yzalú)*

As cidades têm sua inércia quebrada a partir do movimento de pessoas. São estas que imprimem cor, vida, sentimentos, emoções e realidade na inércia de edificações, vias, burburinhos de veículos, equipamentos, espaços públicos e áreas verdes. Em verdade sem as pessoas e suas organizações e relações sociais as estruturas que compõe a cidade, sejam elas imóveis sejam móveis, não seriam nada além de montanhas de concreto e aço inertes, gélidas e sem vida e espaços públicos desertos.

Nessa movimentação humana dentro das cidades constroem-se relações de socialização, convivência, organização, mas também relações de segregação, desigualdades sociais e suas consequências. A cidade, mesmo que bem organizada com mobilidade, deslocamento e acesso a serviços públicos básicos de sua população, não garante a supressão das desigualdades sociais. Determinados serviços, a exemplo de clubes, danceterias, bares e restaurantes de refinados, que têm maior valor agregado, produzem status e prestígio social (dentro da lógica da valorização do consumo), são acessados por uma minoria, apesar da publicidade do mesmo serviço alcançar toda população. Portanto, a noção de satisfação nas cidades, estimulado e difundido, dá-se pelo consumo, mesmo que imaginário: “se tivermos dinheiro, nós vamos, um dia desses”.

O tocante ao Lazer não destoa da organização mercadológica da cidade. A publicidade aguça os sentidos, mexe com as emoções num apelo explícito para o consumo¹. Olhando para o direcionamento publicitário, disposição de serviços voltados para o divertimento com acesso controlado (por meio do consumo), em detrimento dos espaços livres, públicos e

¹ Tomamos como exemplo a publicidade de determinada marca de refrigerantes: “abra a felicidade”. A menção exalta que ao abrir a garrafa ou lata propicia felicidade a quem o faz, no entanto não há referência aos problemas de saúde que o consumo excessivo do produto pode causar, especialmente em crianças.

gratuitos, parece que a plenitude nas experiências individuais e coletivas de Lazer só atinge o ápice da fruição quando se consome ou se acessa determinado produto ou serviço.

Assim, faz-se necessária a apreciação, a sistematização, o estudo e a visibilização de manifestações que denotam resistência aos arranjos comerciais do Lazer. Portanto, temos como defesa a qualificação, ampliação e criação de espaços e equipamentos públicos, destinados à fruição do Lazer de forma individual e coletiva, com potencialização das possibilidades e atividades criativas dos sujeitos que acessam e usufruem desses espaços.

O eixo central desta pesquisa é a investigação do Evento Batalha dos Bombeiros² que ocorre na cidade de Santa Maria³, Rio Grande do Sul, organizado pelo Coletivo de Resistência Artística Periférica (CORAP) e que se articula em torno de batalhas de *Rap*⁴ *Freestyle* inerentes ao Movimento *Hip Hop* e da cultura de jovens da periferia. O Evento ocorre na Praça João Pedro Menna Barreto⁵, uma das principais praças públicas do centro do município de Santa Maria. Popularmente é conhecida por Praça dos Bombeiros, pois no quarteirão onde está situada encontra-se instalado um quartel do Corpo de Bombeiros do Estado do Rio Grande do Sul. Portanto, a denominação do Evento se refere ao local onde o mesmo ocorre e não à Instituição Corpo de Bombeiros.

A Praça dos Bombeiros recebeu uma reforma ampla⁶, concluída em 2011, com instalação de novos bancos, substituição da pavimentação, visando melhorar a acessibilidade no local, iluminação pública, reforma e instalação de equipamentos destinados a crianças e academia ao ar livre.

O Evento Batalha dos Bombeiros tem como centralidade a organização de batalhas de *Rap* em forma de torneio, onde os participantes “batalham”, ou seja, disputam, competem, compondo rimas espontâneas e de improviso no momento da participação que são posteriormente julgadas pelo público que participa, com intuito de definir o melhor rimador. A Batalha dos Bombeiros é idealizada e organizada pelo CORAP, que se constitui em uma

² Grafaremos o nome do Evento Batalha dos Bombeiros sempre com iniciais maiúsculas por se tratar de um substantivo próprio, ou seja, o nome do Evento.

³ A cidade de Santa Maria, campo de estudo, situa-se na região central do estado do Rio Grande do Sul e conta com uma população de 270.000³ habitantes, que residem predominantemente na área urbana do município. A cidade é conhecida pelo número significativo de estudantes vinculados às Instituições de Ensino Superior localizadas na cidade. Além disso, há presença de grande contingente de militares e quartéis alocados na cidade, sendo considerado o segundo maior contingente militar do país.

⁴ *Rap* é música do Movimento *Hip Hop*; é cantada pelo *MC* e tocada pelo *DJ*. Os Grupos de *Rap* são assim denominados quando agregam *MC's* e *DJ*.

⁵ Localizada na Rua Barão do Triunfo, entre as Ruas Coronel Niederauer e Doutor Bozano.

⁶ Para ver mais sobre a reforma da Praça dos Bombeiros, acesse: <http://www.santamaria.rs.gov.br/escritorio/noticias/2621-praca-dos-bombeiros-mais-um-logradouro-publico-revitalizado-e-entregue-a-comunidade>

entidade engajada na defesa dos direitos sociais da população periférica e na difusão da cultura periférica, sendo assim descrita em sua página de perfil em rede social⁷:

Este coletivo foi fundado em 2010 na Zona Oeste de Santa Maria, no intuito de difundir a cultura *Hip Hop* do interior do estado e através dela promover um grande debate sobre a participação popular e direitos humanos. Iniciou-se apenas com alguns *MCs* e hoje reúne além de grupos de *RAP*, grafiteiros, *b.boys*, estudantes, Jornalistas, divulgadores, colaboradores e demais interessados em fortalecer a identidade Periférica. O Coletivo de Resistência Artística Periférica é aliado de diversas causas sociais como a política de ações afirmativas, anti HIV-AIDS, luta antimanicomial, pela pluralidade religiosa, anti machista, livre orientação sexual, entre outras. Temos como princípios fundamentais a inclusão, a identidade periférica e a participação popular.

O movimento *Hip Hop* é organizado a partir da articulação de quatro elementos, quais sejam: *MC*⁸ que produz e canta o *rap*; *DJ* que toca o som, faz as chamadas bases para que o *MC* possa cantar; *Beatbox* que faz o som (base) com a boca na ausência de equipamentos, denominado de *beat*; *Break* consiste na arte da dança e é realizada pelo(a) *breakdancer* (dançarino de break) ou especificamente pelos *b-boys* (*Break-Boys*) e *b-girls* (*Break-girls*). Grafite são as artes plásticas do Movimento.

O *Rap Freestyle* consiste em uma maneira de produzir *Rap* de forma improvisada. É, em suma, a letra produzida pelo *MC* em “estilo livre” no momento em que é cantada a partir das inspirações do momento, ou seja, é uma composição realizada no “calor da hora” onde se consolida uma produção com criatividade, proposição do Movimento *Hip Hop*.

A partir do exposto, colocamos a seguinte questão a ser respondida ao longo deste trabalho: Como os membros do CORAP pensam e elaboram as articulações entre Lazer, cultura e espaços públicos tendo como cenário o Evento Batalha dos Bombeiros?

Com base nesse problema de pesquisa objetivamos **investigar como os membros do CORAP pensam e elaboram as articulações entre Lazer, cultura e espaços públicos tendo como cenário o Evento Batalha dos Bombeiros**, mais especificamente:

- Compreender o processo de constituição e funcionamento do Evento Batalha dos Bombeiros no contexto sociocultural do município de Santa Maria;
- Analisar o Evento Batalha dos Bombeiros como tempo e espaço para a organização do movimento *Hip Hop* no município de Santa Maria;

⁷ https://www.facebook.com/corapsm/info/?tab=page_info

⁸ *MC* e *Rapper* não são a mesma coisa, cada elemento apresenta suas peculiaridades ver mais em: <http://www.enraizados.com.br/index.php/mc-ou-rapper/>

- Identificar como o Evento Batalha dos Bombeiros dialoga com as ocupações dos espaços públicos na cidade de Santa Maria;
- Compreender e analisar o papel do CORAP na organização do Movimento *Hip Hop*.

Defendemos a necessidade da realização de estudos que contemplem a esfera do Lazer e a organização deste a partir da ocupação de espaços públicos pela população. A organização de jovens em torno do Movimento *Hip Hop* vai além da contemplação cultural e apropriação de bens de consumo acerca do *Hip Hop*. Acreditamos que as discussões sobre o Lazer na formação em Educação Física necessitam poder avançar a partir das experiências de sujeitos sociais na apropriação dos espaços públicos.

O estudo justifica-se também pela necessidade de dar visibilidade no contexto acadêmico às manifestações marginalizadas e negadas pelo poder público e pelos meios de comunicação. Dessa forma, a ocupação dos espaços públicos para a organização da cultura e do Lazer se configura como experiência social da existência humana, portanto configura-se também em pautas sociais, humanitárias e políticas. Considerando que a Universidade e a produção científica fazem parte da organização social que as circundam, é pertinente que o debate seja promovido nos âmbitos da pesquisa e da formação profissional, tendo em vista um processo de apropriação do conhecimento sobre todas as construções culturais e espaços de organização do Lazer.

É necessário dar visibilidade à Batalha dos Bombeiros, pois ela se configura num processo de ocupação de espaços públicos, na organização de determinada cultura, qual seja, o Movimento *Hip Hop*, propiciando um tempo-espaço de divertimento, engajamento social, reflexão, reunido sob a organização do Lazer de determinado grupo social. Além disso, não se constitui em um Evento esporádico, mas apresenta um processo de organização ininterrupto ao longo de seus mais de quatro anos de existência, atestando a seriedade e o engajamento dos sujeitos organizadores da entidade CORAP, que têm em sua trajetória eventos como *Hip Hop* na Pracinha e Guerrilha da Paz.

O texto que segue, apresenta no capítulo 2, o caminho metodológico pretendido para consecução deste trabalho. Ancoramo-nos nas ideias de Cellard (2010) para tratar de análise documental, Minayo (2011) para sustentar a observação participante, Negrine (2004) e Thompson (1992) para a organização das entrevistas e, para análise dos dados, os pressupostos da análise de conteúdo a partir de Franco (2005).

No capítulo 3, apresentamos elementos sobre Lazer e Cultura segundo os pressupostos de autores como Mascarenhas (2003, 2005), Marin (2009), Gomes (2014, 2015) Chauí (1997) e Bosi (1992, 1999). Abarcamos elementos que tratam do Lazer como uma dimensão da vida social, portanto uma necessidade humana. Apontamos também para a importância dessa dimensão em detrimento do Lazer mercador e as interfaces que apresenta.

Além disso, discutimos aspectos sobre a cidade, os espaços públicos, tendo como base autores como Rolnik (1995), Lefebvre (2001) e Augé (2009), situando a cidade como um lugar voltado para suprir as necessidades humanas coletivas de convivência e solidariedade.

Para tratar de juventude, tomamos por base autores como Magnani (1984 e 2005), Dayrell (1999, 2002 e 2003), Rosa (2012), Diógenes (2008) e Abromavay *et al.* (2005). Entendemos que a categoria social juventude não pode ser reduzida a uma categoria homogeneizada, mas situada dentro da especificidade social que a circunda. Caminhamos assim para a compreensão, conforme os autores, de Juventudes, numa dimensão heterogênea e multifacetária desta categoria social.

No capítulo 4, situamos a história do Movimento *Hip Hop*, o contexto de Santa Maria, o contato com os integrantes da configuração atual Movimento *Hip Hop*, principalmente por intermédio dos participantes do CORAP. Realizamos um diálogo com estudos sobre o contexto em foco, sob viés sociológico, desenvolvidos por Anschau (2002) e Scoz (2008). Apresentamos elementos sobre a organização do Evento Batalha dos Bombeiros, a organização das batalhas de *Rap Freestyle*. Ademais, abordamos o cenário da cidade de Santa Maria no que tange à ocupação dos espaços por meio de ações e atividades organizadas contínua ou esporadicamente e atribuímos sua importância à necessidade de potencializar ações que propiciem a evasão dos espaços exclusivamente comerciais marcados apenas pelo consumo.

2. CAMINHO METODOLÓGICO

O caminho metodológico é uma construção cuidadosa que deve ser observada para que durante o percurso não ocorram afastamentos e desvios dos objetivos pretendidos. Não significa um percurso rígido, linear, imutável, mas a configuração de um caminho que medeia a relação entre pesquisador, sujeitos envolvidos, objeto de estudo, objetivos do trabalho e a literatura sobre o tema.

Apresentamos o caminho metodológico, indicando, além da sustentação teórica, os passos realizados no cenário da pesquisa.

2.1. Análise documental

Com a análise documental identificamos aspectos do objeto de estudo que, por vezes, não podem ser abarcados pelas entrevistas e observações diretas. Segundo Cellard (2012), a pesquisa documental permite reconstrução de dados não contemplados pelos sujeitos da pesquisa, além de trazer uma visão histórica do objeto a ser estudado. Para o autor, tudo que é vestígio do passado, tudo que serve de testemunho é considerado documento ou fonte. Podem ser textos, filmes, objetos, fotos, entre outros.

No que tange à especificidade do estudo, realizamos levantamento de documentos sobre o Evento Batalha dos Bombeiros em páginas eletrônicas, na mídia impressa, em materiais audiovisuais.

Na mídia impressa (com reprodução parcial do conteúdo em versão *online* de acesso livre) da cidade de Santa Maria, no jornal *Diário de Santa Maria*, os registros são praticamente nulos, restritos ao ano de 2013, tematizando a morte trágica de um dos fundadores do CORAP. As iniciativas de ocupação do espaço, a exemplo da Batalha dos Bombeiros, são invisibilizadas na cidade pelos meios de comunicação, não havendo registros de reportagens que abordem sob qualquer aspecto o Evento ou a entidade. Portanto, a busca em documentos nas mídias impressas (e suas versões *online*) não apresentou resultados.

Como documentos, para subsidiar a realização do trabalho, elegemos os quatro documentários sobre o CORAP e a Batalha dos Bombeiros. Os documentários abarcam questões que tratam do tema sob outro olhar, portanto trazem luz sobre possibilidades de entendimento que não nos ocorreram nas observações diretas ou na realização de entrevistas. Esses documentos foram utilizados de forma direta em alguns momentos durante o texto, mas

de maneira mais profícua para auxiliar na compreensão de nuances que possam ter sido imperceptíveis ao nosso olhar durante as observações e na realização das entrevistas.

2.2. Observação participante

Segundo Minayo (2011, p. 70), na observação participante o pesquisador se coloca como observador de uma situação social em uma relação direta com seus interlocutores e o espaço social que sua pesquisa abarca e, “na medida do possível, participando da vida social deles, no seu cenário cultural, mas com a finalidade de colher dados e compreender o contexto da pesquisa”. Para a autora, essa interlocução pode modificar este contexto, assim como o pesquisador se modifica, ou seja, tem a vantagem de permitir ao pesquisador colocar-se no lugar do outro e relativizar o espaço social que pesquisa. No que tange a “colher dados”, referido pela autora, deve ser traduzido como um olhar atento no intuito de compreender a realidade e o contexto observado. Além disso, a observação participante ajuda a “vincular os fatos a suas representações e a desvendar as contradições entre as normas e regras e as práticas vividas cotidianamente pelo grupo ou instituição observados” (MINAYO, 2011, p. 71).

Compreendemos que a intervenção por meio da observação não é neutra e cabe ao pesquisador portar-se de forma a deixar-se invadir, tocar, sensibilizar-se com os acontecimentos e pelas pessoas presentes no contexto investigado. Permanecer aquém de ações-protagonismo nas situações sociais em que realiza as observações, a não ser que seja convidado para situações específicas, quando em momento oportuno, afastar-se do contexto de estudo e das “afecções” emocionais das quais se deixou invadir para que consiga elaborar as sínteses e imprimir ao trabalho a idoneidade e seriedade é necessário à construção do saber científico.

As observações foram realizadas nas datas e locais do Evento, a fim de compreender a configuração e sistematização atual e o processo de funcionamento das manifestações de improvisação de rimas do movimento *Hip Hop*. Utilizamos o diário de campo para apreender e capturar os fatos e fenômenos percebidos no campo de pesquisa, estabelecer relações e apreender informações.

O Evento, normalmente, é realizado na segunda sexta-feira de cada mês, das 20h às 22h, na Praça dos Bombeiros. Realizamos as observações no período de outubro de 2015 a novembro de 2016, ou seja, doze edições. As observações foram mediadas por um roteiro (Apêndice A) consoante os objetivos da pesquisa. Durante o período de observações, as

edições ocorreram rigorosamente na segunda sexta-feira de cada mês. Nossa inserção no campo está detalhada no item “Do estranhamento à enturmação”.

2.3. Entrevistas semiestruturadas

Negrine (2004) compreende a entrevista semiestruturada como um instrumento de coleta de dados a partir de perguntas concretas, previamente elaboradas pelo pesquisador, mas que também dá liberdade tanto ao entrevistado de aportar elementos sobre o tema e sobre aspectos que considera relevante quanto ao pesquisador de fazer outras perguntas não previstas no roteiro derivados do processo do diálogo.

Manzini (2003, p. 13) aponta que a entrevista “pode ser entendida como uma conversa orientada para um objetivo, sendo esse objetivo estabelecido pelo pesquisador”. Nesse sentido, o roteiro de perguntas visa auxiliar o pesquisador no desenvolvimento da conversa.

Na concepção de Thompson (1992), esse instrumento permite entender a realidade sob diferentes aspectos e pontos de vista, tornando o contexto social mais rico e menos suscetível a simplificações, além de ampliar e/ou cotejar as informações dos documentos e das observações.

Amparados nestes autores, em síntese podemos dizer que a entrevista consiste em um instrumento que auxilia na elaboração, elucidação e aprofundamento de um contexto ou tema de estudo.

Realizamos as entrevistas com os sujeitos diretamente envolvidos com o movimento *Hip Hop* na Batalha dos Bombeiros, ou seja, membros do CORAP que assumem majoritariamente o papel de organizadores, e por vezes participam das improvisações de rimas, ou apenas participam do Evento.

A partir do exposto, as entrevistas foram mediadas por um roteiro flexível (Apêndice B) contendo questões norteadoras. Como forma de aprimorar o roteiro, foi realizada uma entrevista piloto, possibilitando revisar e acrescentar questões não contempladas para aprimorar o conjunto do instrumento.

Para facilitar a transcrição das respostas dos interlocutores, foi utilizado aparelho de gravação na realização das entrevistas, pois houve consentimento dos interlocutores, informando-nos de que não acarretaria constrangimentos ou inibição a utilização do aparelho.

A partir das observações *in loco* e das conversas com os membros do CORAP e participantes (*MC's*, *Beatbox* e público – de maneira geral), adotamos como critério

entrevistar pessoas que estivessem ligadas ao CORAP e à Batalha dos Bombeiros por, pelo menos, três anos. O conjunto de entrevistados englobou sujeitos que tiveram expressividade na organização e na participação da Batalha dos Bombeiros, seja como *MC*, *Beatbox* seja assistindo o Evento.

Entrevistamos quatro pessoas: uma mulher, 23 anos, e três homens, 29, 24 e 22 anos. Para melhor visualização e entendimento, serão denominados da seguinte maneira: “Mulher, (ou Homem) idade, função (no CORAP e na Batalha) e principais artes do Movimento *Hip Hop* (*MC*, *Beatbox*, *Grafitista(o)*, *Bgirl (Bboy)*”. Portanto: “Mulher, 22, apresentadora, *Beatbox* e *MC*, *Grafitista*”, “Homem, 29, apresentador, *Beatbox* e *MC*”, “Homem, 24, *MC*”, “Homem, 22, apresentador, *Grafitista*, *MC*, *Bboy*”.

2.4. Análise dos dados

Analisamos o conteúdo dos documentos e das entrevistas dos participantes por meio dos pressupostos da análise de conteúdo, tendo como referência Franco (2005, p. 13) para quem “o ponto de partida da Análise de Conteúdo é a mensagem, seja ela verbal (oral ou escrita), gestual, silenciosa, figurativa, documental ou diretamente provocada”. Nesse sentido, foi necessário atentar às expressões gestuais, de afeto, exclamação e exaltação dos interlocutores durante a realização das entrevistas para que ainda fosse possível compreender emoções e sentimentos transmitidos após a transcrição das entrevistas.

Conforme Franco (2005, p.48), as atividades da análise se dividem em pré-análise e elaboração/definição de categorias de análise. A “pré-análise tem por objetivo a organização, embora ela própria possa se constituir em um momento não estruturado, por oposição à exploração sistemática dos documentos e mensagens”. A autora segue explicando que consiste em uma leitura leve dos documentos e textos, num processo de deixar-se “invadir por impressões, representações, emoções e expectativas”, para, posteriormente a isso, organizar e escolher os documentos e mensagens que sejam “adequadas para fornecer informações sobre o problema levantado” (*op. cit.*, p. 49).

Para a escolha dos documentos que se apresentam relevantes para o estudo, a autora sugere algumas regras a serem seguidas:

- *exaustividade*: por mais que o pesquisador possa enfrentar dificuldades em localizar determinados documentos, deve canalizar todos os esforços na tentativa de obtê-los para

“esclarecer o contexto e as condições sociais e políticas presentes [...], contidas nas mensagens emitidas” (*op. cit.*, p. 50).

- *representatividade*: trata-se da consistência que os fatos devem ter sobre o tema, o quanto a “amostra” ou as mensagens e documentos representam com consistência o objeto a ser estudado.

- *homogeneidade*: para que possamos alcançar uma síntese a partir de diferentes interlocutores, é necessário, para captar as mensagens de entrevistas, que seja utilizado um instrumento que permita questionamentos organizados a partir dos objetivos do estudo com indivíduos que participem de situações sociais semelhantes.

Nesse processo foi possível construir as categorias de análise. Segundo Franco (2005, p.58), as categorias podem ser definidas *a priori*, ou seja, “as categorias e seus respectivos indicadores são predeterminados em função da busca a uma resposta específica do investigador”; e não definidas *a priori*, isto é, quando “emergem da ‘fala’, do discurso, do conteúdo das respostas e implicam em constante ida e volta do material de análise à teoria” (*op. cit.*, p. 59). Portanto, a definição das categorias vai acontecendo “à medida que surgem nas respostas, para depois serem interpretadas à luz das teorias explicativas. Em outras palavras, o conteúdo que emerge do discurso, é comparado com algum tipo de teoria” (*op. cit.*, p. 60). Não definir as categorias *a priori* permite uma maior flexibilidade na hora de organizar as categorias; no entanto, exige muito mais habilidade e bagagem do pesquisador para que as categorias sejam organizadas de maneira que permitam ao pesquisador a elaboração de um discurso sólido para responder o objetivo do trabalho.

Adotamos nesta pesquisa como horizonte algumas categorias *a priori*, como guia para realizar o levantamento bibliográfico, a leitura e a sistematização teórica. São elas: *Hip Hop*, *Lazer*, espaços públicos, *Juventude*. Estas categorias foram se destacando e consolidando ao longo do estudo por meio do aprofundamento da fundamentação teórica e das incursões no campo de pesquisa.

2.5 Algumas considerações sobre a ética e o papel da pesquisa científica

No decorrer do estudo julgamos necessário preservar a identidade dos sujeitos entrevistados, portanto os nomes foram trocados por dados de identificação do sujeito sem que estes revelem sua identidade, segundo as designações mencionadas acima. O sigilo aos interlocutores é importante para evitar deprecações e julgamentos que possam advir após a publicação do estudo a partir de apropriações inadequadas ou interpretações equivocadas do objetivo do trabalho.

As falas dos interlocutores das entrevistas foram transcritas, retornadas ao respectivo entrevistado para revisão e aprovação para utilização. Os dados foram utilizados com respeito ao conhecimento e ao conteúdo expresso pelos interlocutores para expressar com fidedignidade o contexto social e cultural em análise e contribuir às discussões e ações em torno da cultura e do Lazer no município de Santa Maria.

Salientamos que não temos pretensão de exaurir o tema em torno da discussão sobre Lazer, espaços públicos e juventude de Santa Maria, nem mesmo generalizar os resultados, pois são o reflexo da organização da cultura e do Lazer de determinado grupo social, dentro de um tempo e espaço específico em torno de um articulador cultural, qual seja, o Movimento *Hip Hop*.

Entendemos que a produção científica em torno de qualquer tema necessita estar pautada na ética, no respeito aos sujeitos e na forma como vivem e se organizam em sociedade. Sob esta ótica os sujeitos, a população e grupos sociais não são laboratório de coleta de dados ou objetos de estudo.

Na condição de pesquisadores de uma instituição pública de ensino, temos o compromisso de fazer repercutir os resultados das pesquisas também nas esferas políticas para facultar possíveis ações e iniciativas com o objetivo de valorizar, preservar e difundir a cultura produzida pela população periférica em foco nesta pesquisa.

Nossa aproximação do campo deu-se de forma gradual. Inicialmente participávamos, sem regularidade, como expectadores, ou seja, frequentávamos o local para participar do Evento. Balizamos o período de observação apenas posteriormente. Nossa apresentação como interessados em olhar a Batalha dos Bombeiros como cenário para a pesquisa ocorreu em outubro de 2015, marcador do início das observações. Apresentamo-nos para um dos membros do CORAP, que no decorrer das observações acabou desligando-se do Coletivo, impelindo a estabelecer diálogo com outros membros do grupo e tecer elos mais fortalecidos,

pois identificamos que o CORAP estava disposto a dialogar com aqueles que viessem para “somar” ao Coletivo, resguardando-se ao direito de não fornecer apenas subsídios para pesquisa em mão única. Ou seja, os membros participariam caso viesse a ser construída uma via de troca entre pesquisadores e Coletivo. Essa relação vem sendo construída desde então. Fomos convidados a elaborar alguns troféus utilizados para premiar o vencedor da Batalha.

Essa colaboração não gerou prejuízos e interferências na observação, haja vista que já não realizávamos observações no momento em que efetivamente ocorreu a inserção por meio da elaboração dos troféus. Além disso, há o comprometimento em participar de outros Eventos do CORAP, como o *Hip Hop* na Pracinha, com inserção de oficinas de construção de brinquedos.

Concordamos com os membros do CORAP em resguardar-se de fornecer quaisquer subsídios para consecução de pesquisas nas quais os pesquisadores não se comprometam em contribuir com os pesquisados. Entendemos que cabe engajamento social que ultrapasse a esfera acadêmica, os grupos de pesquisa e laboratórios da Universidade, em síntese, concerne furar e sair da “bolha” na qual “flutuamos”.

É necessário registrar que o Grupo de Pesquisa em Lazer (GPELF) por meio de sua coordenadora e acadêmicos que o compõem, tem se dedicado a realizar pesquisas e se envolver em temas de grande relevância sociocultural. A adoção da postura crítica é manifestação e anseio da necessidade de mudanças sociais para uma cidade humanizadora e inclusiva. O Lazer e os Jogos Tradicionais são os temas sobre os quais o Grupo tem se debruçado e dedicado esforços, acreditando na sua relevância, fomentando sua importância tanto por meio de trabalhos científicos quanto na atuação profissional. Nisso acreditamos e isso defendemos.

3. Lazer na cidade: pensando as juventudes

*Uma bola pra chutar, país pra afundar
Geração que não só quer maconha pra fumar
Milianos, mal cheiro e desengano
Cada cassetete é um chicote para um tronco
Alqueires, latifúndios brasileiros
Numa chuva de fumaça só vinagre mata a sede
Novas embalagens para antigos interesses
É que o anzol da direita, fez a esquerda virar peixe
(Esquiva da Esgrima – Criolo)*

3.1 Lazer: por onde caminhamos

O Lazer, o refúgio social daqueles que trabalham? No senso comum, várias são as óticas sob as quais o Lazer está alicerçado e consolidado. Para alguns, é um tempo improdutivo, tendo em vista o conceito de que o trabalho é redentor e moralizador da humanidade. Para um determinado grupo organizado e organizador de sistema de serviços, arrançados em torno da comercialização de mercadorias (mesmo as não materiais), é uma possibilidade de lucros na “venda de prazer e emoções” por meio de sensações. Para aqueles empregados no sistema de serviços associados ao Lazer, pode ser trabalho.

Partimos do entendimento de que o Lazer é uma construção cultural e social para fruição da produção material e imaterial humana, veiculada a qualquer dimensão da reprodução social da vida. Mascarenhas (2003, p. 30) assinala que o Lazer “constitui-se num agente difusor de conteúdos vivos e indissociáveis da realidade que os produz” na qual “o homem se apresenta como síntese concreta das múltiplas determinações que o cercam”. Por conseguinte, Lazer e práticas cotidianas de organização da vida social não se encontram dissociadas.

Hodiernamente os caminhos em torno da compreensão do que se denomina Lazer são diversos, por vezes controversos, contraditórios e até complementares e, nesse bojo, a amplitude e a complexidade que o Lazer apresenta no campo empírico são tão grandes e “escorregadias” quanto a sistematização teórica em torno do tema. Sua compreensão não deve ser linear, adverte Gomes (2014, p. 9):

Conhecer o Lazer unicamente por meio da existência de uma palavra ou de um conceito seria um encaminhamento restrito e insuficiente quando se considera o

desafio de problematizá-lo e compreendê-lo de modo situado, isto é, levando em conta algumas peculiaridades históricas, culturais, sociais, políticas, éticas, estéticas, entre outras, que expressam diversidades e singularidades sociais.

Corroboramos com a autora ao tratar do Lazer como uma necessidade humana e dimensão da cultura, pois “o que é geralmente designado como “Lazer” enraíza-se na ludicidade e constitui uma prática social complexa que abarca uma multiplicidade de vivências culturais situadas em cada contexto” (GOMES, 2014, p. 9). E nesse ínterim, apesar de nem sempre haver um termo ou conceitualização para o que se denomina Lazer, as experiências de confraternização, divertimento e sociabilidade de distintos grupos sociais mesmo que minoritários não podem ser representadas como algo totalmente ingênuo e genuíno, pois:

Cada vez mais ocorrem interações e conseqüentemente, assimilação, por parte e grupos outros, de valores, fundamentos e estratégias de ações próprias da lógica hegemônica de produção/consumo que detém grande alcance e poder de penetração pelos meios massivos de comunicação. (GOMES, 2014, p. 9)

Deveras, não podemos olhar para as manifestações do Lazer como ingênuas e descoladas da organização hegemônica da sociedade e também da regência de normas e condutas morais, sociais, religiosas, educacionais. Em última instância, essas condutas interferem na forma como os grupos sociais e os sujeitos organizam e experimentam o Lazer.

Dito isto e demarcada, minimamente, nossa postura, queremos destacar que situar a trajetória do Lazer durante o processo histórico é importante, pois podemos compreender diferentes sutilezas que o tema apresenta. Não nos deteremos em fazer discussões exaustivas, em tom denunciativo, relacionadas às concepções de Lazer com vieses ideológicos conservadores, funcionalistas e/ou assistencialistas. Não significa que somos coniventes com essas concepções. Contudo, acreditamos que a retórica centrada apenas na trajetória histórica do Lazer e nas concepções enraizadas em elaborações burguesas, em elites políticas, religiosas e sociais, com caráter denunciativo, parece-nos deveras demagógico e panfletário, pois traz poucos elementos para fomentar um debate com apontamentos que pretendam avançar na compreensão do Lazer levando em consideração aspectos que propiciem a autonomia, a emancipação, a coletivização e a politização dos sujeitos e grupos sociais.

Defendemos uma concepção e realizamos apontamentos para um Lazer que leve em consideração a subjetividade e coletividade presentes nos indivíduos e grupos sociais. Neste plano acreditamos que o Lazer configura-se um tempo-espaco para o exercício cultural criativo da humanidade em estabelecimento de relações com os bens materiais e imateriais

frutos da trajetória histórico-social dos grupos sociais. Ilustramos o exposto a partir de Gomes (2014, p. 12), para o qual o Lazer se consolida:

Enquanto uma produção cultural humana, o Lazer constitui relações dialógicas com a educação, com o trabalho, com a política, com a economia, com a linguagem e com a arte, entre outras dimensões da vida social, sendo parte integrante e constitutiva de cada coletividade.

Comprendemos que as concepções de Lazer são, mesmo que implicitamente, ideológicas. Quando se denuncia o Lazer sendo veiculado de forma ideológica, geralmente nos referimos àquelas propostas ancoradas em pressupostos de organização social burguesa e de determinados grupos dominantes de orientação ideológica conservadora⁹ (Instituições Religiosas, Forças Armadas, Estruturas de Governo, Legislação, Corporações Empresariais, apenas para citar algumas). No entanto, as proposições que contrapõem esta lógica dominante são também ideológicas e apresentam-se como contrapontos ou contrapropostas para pensar o Lazer sob uma ótica progressista, inclusiva e humana para fruição coletiva, humanizadora e consciente.

Na tentativa de situar o que compreendemos por Lazer, ancoramo-nos, também, em Mascarenhas (2003), segundo o qual o Lazer se tece nas situações de não obrigatoriedade cotidianas como trabalho, compromissos comunitários, escolares, religiosos. Portanto, uma amplitude de alternativas pode colocar-se dentro do que se denomina Lazer.

Marcassa (2004) também contribui para situar o Lazer como um tempo-espaço socialmente construído, onde se agregam e organizam as manifestações culturais expressas nas atividades de divertimento, descontração e em elementos lúdicos. Neste tempo-espaço os grupos sociais criam e recriam suas ações numa mescla de interesses, necessidades, negação e novos objetivos que fazem com que determinada prática seja ressignificada para dar conta de uma nova ordem ou demanda do grupo.

Podemos ver na organização da paisagem urbana a instalação de lugares privados específicos para a fruição do Lazer. Esses espaços podem ter várias formas e apresentarem-se

⁹ Trata-se do interesse em manter subjugadas grandes parcelas da população por meio da exploração da força de trabalho mantendo o controle social, seja pela publicidade, argumentação política, religiosa e institucional (Estado e instituições públicas) e até científica, seja por meio da força de Instituições de coerção, como Polícia ou Forças Armadas. A manutenção dessa ordem apresenta algumas marcas que são o modelo para a organização da vida social no planeta como o *American Way of Life* e a visão eurocêntrica do modo de organização da vida, da política e da economia. Para ver mais: ver autores citados em GOMES. C. L. Lazer: necessidade humana e dimensão da cultura. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**. Belo Horizonte, v.1, n.1 p. 3 – 20, jan./abr., 2014.

convidativos por diversos aspectos. A construção da atratividade é garantida pelo setor publicitário que faz parte da “indústria criativa” (GOMES, 2015). Este trabalho, midiático, publicitário e muitas vezes apelativo, atua na retórica e no convencimento da importância de acessar os serviços oferecidos nos lugares que são, grosso modo, *shopping centers*, bares e casas noturnas. Vale lembrar que estes serviços são destinados ao público que o acessa por meio do consumo.

Devido a isso, são relegados ao ostracismo os espaços públicos cujo fomento é dever do Estado (setor público seja ele poder Municipal, Estadual seja União). No entanto, a espetacularização das situações da vida, a busca pelo frenesi e pelo êxtase deixam pouca margem para a apropriação de espaços que não mexem excessivamente com sensações. Portanto, o espaço público faz-se pouco atrativo. Em contraponto, o produto oferecido em locais com casas noturnas e *shopping center* mexe com as sensações e cumpre com as expectativas de prazer e emoção por meio do espetáculo promovido e comercializado.

Sobre o exposto, Debord (2003, p. 17) elucida que:

O espetáculo apresenta-se como algo grandioso positivo, indiscutível e inacessível. Sua única mensagem é “o que aparece é bom, o que é bom aparece”. A atitude que ela exige por princípio é aquela aceitação passiva que, na verdade, ele já obteve na medida em que aparece sem réplica, pelo seu monopólio da aparência.

Portanto, o Lazer como uma mercadoria, como um espetáculo, apresenta-se como uma elaboração finalizada não passível de discussão e cabe apenas aceitá-la pela sua capacidade de arrebatá-las as emoções e sensações.

Além disso, Debord (2003, p. 17) assinala que “o que aparece é bom, o que é bom aparece”. Nessa alusão podemos afirmar que a invisibilidade promovida pelos meios de comunicação acerca de determinado acontecimento ou evento pode ser determinante na formação de opinião sobre algum tema. Logo, a invisibilização do Evento Batalha dos Bombeiros nos meios de comunicação se adéqua à lógica do “não aparece consequentemente não deve ser bom”.

Vale ressaltar: não se trata de invisibilizar apenas o espaço público (Praça dos Bombeiros) e o Evento Batalha dos Bombeiros, mas de invisibilizar um evento organizado por pessoas da periferia, com poucos recursos financeiros e negras em sua maioria. Afirmamos isso tendo como base¹⁰ que eventos que apresentam características comerciais são

¹⁰ Ver resultado de busca na base do Diário de Santa Maria: <http://www.clicrbs.com.br/busca/rs?q=pra%C3%A7a%20dos%20bombeiros&c=004339507562457011598:xnq2adeh15e&t=local>

anunciados e propagados intensivamente, conforme identificamos nas buscas realizadas no buscador do Diário de Santa Maria, durante o período de observação¹¹.

Ao olharmos para a organização da cidade percebemos que a disposição dos equipamentos, estabelecimentos e locais destinados para o que é sugerido e proposto como Lazer pela organização societal, conduz a experiências precárias. Portanto, as experiências de Lazer e a noção de sua realização estão reduzidas à mera experiência de realização por meio do consumo. Tal situação é corroborada em lúcida explanação de Mascarenhas (2005, p. 157):

Basta a pergunta sobre um serviço de Lazer pelo qual não seja preciso pagar pelo acesso para termos uma dimensão do quão corrompida anda sua experiência. Óbvio que certas modalidades tradicionais de Lazer, ainda refratárias às relações mercantis, podem ser localizadas. Mas a dificuldade de identificarmos com certa prontidão alguma prática de Lazer que não tenha sucumbido à forma mercadoria, por si só, já constitui obstáculo para que se tenha construção de alternativas.

O Lazer apresenta nuances complicadas, ao passo que não podemos negar que acessar serviços, por meio do consumo, para a fruição por um determinado período de tempo, constitui-se em Lazer.

O entretenimento é a principal cartada do Lazer como uma mercadoria. A publicidade é a encarregada de promover a venda e estimular o consumo dos serviços ligados ao entretenimento. O investimento de capitais e a agregação de valor econômico fazem do entretenimento um importante campo de investimentos, objetivando a certeza da lucratividade. Marin (2009, p. 217) adverte que:

A esfera da diversão desempenha cada vez mais um papel de agente de mudança dos caminhos da sociedade, capaz de gerar um modelo de sociedade não mais alicerçada no desenvolvimento das forças produtivas, mas no desenvolvimento do consumo na esfera do entretenimento. A racionalidade do processo de produção realiza investimento na criação de demandas, não somente por seu valor de uso, mas por meio do fomento ao desejo.

O desejo é estimulado com forte incremento publicitário. No consumo do entretenimento, após a aquisição, não se sai do estabelecimento com mercadorias físicas. O entretenimento é a própria mercadoria. O desejo estimulado, com argumentos convincentes, faz com que o consumidor necessite consumir determinada mercadoria do mercado do entretenimento da mesma forma que necessita de uma cama para dormir. O consumo de entretenimento supre necessidades criadas, sejam elas emocionais sejam físicas.

¹¹ Acompanhamos o jornal de circulação diária, Diário de Santa Maria, cotidianamente e refinamos a busca em paralelo ao período de realização das observações.

Os locais destinados ao entretenimento compõem-se em espaço de consumo de serviços relacionados ao Lazer, conforme assinala Harvey (2011, p.42); as mercadorias do setor de serviços e entretenimento nem sempre se consolidam em mercadorias materiais (produtos físicos). Ou seja, “o processo de trabalho é em si a mercadoria a ser vendida, portanto não há intervalo de tempo entre a produção e a venda da mercadoria (embora possa haver muito tempo de preparação envolvido)”.

Sobre o alcance do entretenimento, em escala mundial, Marin (2009, p. 228) sinaliza que “o entretenimento assumiu importância crucial pela capacidade de incluir a todos, de diferentes idades e gêneros, diferentes estratos sociais, lugares e regiões do mundo e, portanto, ser uma fonte geradora de bens econômicos e simbólicos”. As empresas que produzem conteúdos, especialmente o audiovisual, chegam a locais distantes e isolados. Os conteúdos de televisão aberta e fechada e, recentemente, *sites* especializados em audiovisual, possibilitam o acesso (desde que o pagamento da assinatura esteja em dia) sem distinguir ou discriminar a classe social de quem está consumindo.

Já a apropriação de determinados espaços físicos, especialmente boates e danceterias, mantém controle na seleção de seu público, onde o acesso é restrito, portanto se configura num local de segregação social, velado, mas consciente. A segregação é velada na medida em que o acesso é permitido mediante pagamento de determinado valor, há normatização nas roupas permitidas, portanto quem não se adéqua ao preço e ao estilo fica de fora. É consciente por parte daqueles que organizam e fazem o direcionamento das intenções que são veladas, ou seja, os proprietários dos estabelecimentos têm a intenção de atrair somente determinados sujeitos de determinado grupo social, por isso estabelecem preços, normativas e condutas a serem seguidas.

Locais de comercialização de serviços ligados ao Lazer, especialmente boates e casas de shows, reafirmam as divisões e restrições sociais do mundo em que estão inseridas. Alguns acessos, mesmo dentro dos locais, são restritos, acessíveis apenas mediante pagamento extra, o que reforça a divisão de classes sociais. Como exemplo, temos as áreas *vips* e camarotes que oferecem serviços diferenciados em relação às áreas comuns do local, onde fica concentrado o denominado “povão”.

A situação acima é corroborada em fragmento do documentário/reportagem “Segunda Edição da Batalha dos Bombeiros¹²”, onde Flavinha Manda Rima destaca: “O sistema quer que a gente esteja lá, dentro daquele local, pagando entrada tal, cerveja a tanto, em tal horário,

¹² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=W8OCteUSNBU>

se divertindo daquela maneira” (inicia em: 4min 26seg). Portanto, há discordância de que a fruição do Lazer deva ser padronizada, e os sujeitos que atentam para a Rua como espaço de sociabilidade discordam do modo hegemônico da organização do Lazer na cidade. Assim, o sentimento de não pertencimento aos espaços pré-produzidos e destinados ao Lazer faz com que não haja outras alternativas que não perpassem a construção das mesmas.

Construir alternativas ao Lazer perpassa pela construção de alternativas culturais, alicerçadas e referenciadas no interesse, na objetividade e nas subjetividades coletivas de quem participa da construção da cultura. Ambas são interdependentes: o Lazer como tempo-espaço de organização da celebração, da fruição e também de educação e socialização coletiva e a cultura como resultado das relações humanas das quais advêm valores e normas para essa socialização, para a educação e elementos constitutivos da convivência social humana.

Portanto, estudar a cultura e sua manifestação específica em determinado grupo social compõe-se tarefa que exige empatia e respeito por parte do pesquisador em relação ao contexto a ser estudado, especialmente em função da pluralidade cultural existente no Brasil. Conforme assinala Bosi (1999, p. 7), não é possível afirmar a existência de uma cultura “unitária, coesa, cabalmente definida”, por isso, segue o autor, “não existe uma cultura brasileira homogênea, matriz dos nossos comportamentos e dos nossos discursos”.

No entanto, na pluralidade cultural, há manifestações que são definidas como centrais e consolidadas pelos meios de comunicação, pelas instituições religiosas, educacionais, entre outras. Inúmeros fatores colaboram para que haja definições sobre o que é moral, correto e socialmente aceito. Estas definições envolvem, além de concepções ideológicas, as crenças, a fé e a experiência dos sujeitos dentro de seus grupos sociais. A partir destas características dentro das disputas ideológicas, podemos perceber que algumas manifestações culturais são determinadas como representantes de uma grande parcela da sociedade, encontrando um caminho oportuno para sua consolidação e difusão, e, outras, são cerceadas, diminuídas, desmoralizadas, silenciadas e criminalizadas.

A cultura considerada hegemônica, socialmente aceita e moralmente referenciada, é delimitada e imposta ao tecido social como a forma correta de se relacionar com os sujeitos, com as instituições e com o modo de vida estabelecido. Ela se configura em algo não necessariamente criado pela indústria, mas também por produções, minimamente genuínas, elaboradas no cotidiano, e até nas relações de grupos sociais minoritários, mas que são cooptados pela indústria capitalista, ou seja, é uma mercadoria disposta no mercado que agrega posição social de destaque a quem a adquire, desde que seja conveniente dentro de

padrões morais e interesses econômicos vigentes. Tem, portanto, definições atribuídas de valor de uso e valor de troca. A cultura produzida e difundida na sociedade conta com os meios de comunicação de massa como grande difusor, pois estes são parte interessada em angariar os lucros provenientes da venda e criação de mercadorias relacionadas ao que é definido como bem cultural.

Todavia, como esclarece Chauí (1997), um cuidado imprescindível nas discussões e na análise sobre a cultura e os contextos culturais é evitar reducionismos dicotômicos. O exemplo de situar a cultura popular como manifestação pura e unicamente da classe popular e trabalhadora e a cultura erudita como pertencente à classe dominante e burguesa. Levando esta concepção a cabo e situando-a dentro da luta de classes, tendo em vista a superação da sociedade de classes, poderíamos incorrer num equívoco afirmando que somente a cultura da classe trabalhador, teria em suas manifestações elementos que permitissem o esclarecimento, a emancipação dos sujeitos, sendo, portanto, uma cultura libertária. Do outro lado, teríamos uma cultura opressora que objetiva dominar os sujeitos trabalhadores, mantendo-os submetidos à lógica servil e subalterna.

Ao consideramos que a cultura compreende as formas como nos relacionamos com os outros e com a natureza, concordamos com Chauí (2000, p. 376) quando afirma “que a Cultura é a maneira pela qual os humanos se humanizam por meio de práticas que criam a existência social, econômica, política, religiosa, intelectual e artística”. Os resultados “culturais” desses processos variam de acordo com os interesses de cada grupo social em consonância com as condições materiais e objetivas de reprodução da vida em sociedade.

A cidade de Santa Maria autodenomina-se (ou melhor, setores e sujeitos autodenominados “eruditos” a denominam) “Cidade Cultura”. Se compreendemos que a cultura consiste em um resultado da forma material e imaterial na qual as relações humanas se organizam nos diferentes grupos sociais e classe sociais, qualquer cidade pode ser denominada “Cidade Cultura”. Portanto, a denominação “Cidade Cultura” assinala que “aqui tem cultura”, “nós somos a cidade que tem cultura, portanto quem pretende usufruir deve se dirigir até nós”. As controvérsias em relação a este tema geram desconforto nos sujeitos que participam e produzem cultura, conforme expõe um dos interlocutores:

Por isso que a gente se revolta tanto, sabe, da nossa cidade usar o codinome de cidade cultura, que é cidade cultura pra italiano, cidade cultura pra gaúcho, e daí não tem apoio nenhum, sabe. (Fragmento de entrevista, Homem, 22, apresentador, *grafiteiro, bboy, MC*).

Ora, para que uma cidade possa usufruir de uma alcunha dessa magnitude (“Cidade Cultura”) por sua população, poderes legais das esferas legislativas, executivas e judiciais, entidades civis necessitam ter apreço, respeito e mostrar que toda produção cultural, independente da complexidade envolvida, é importante para que haja desenvolvimento social de fato para a população que nela habita.

O interlocutor segue assinalando que a representatividade consiste em fator determinante, ou seja, o sentido, sentimento de pertencimento, advém de sentir-se parte daquilo que é produzido, portanto no Movimento *Hip Hop* as características são deslocadas do “ângulo europeu” de compreensão de cultura e centram-se em aspectos diferentes dos que são hegemônicos no trato da cultura, assim:

Essa questão da cultura, pra mim que sou negro, é muito diferente de uma colocação pra uma pessoa branca, sabe, porque eu dentro de uma cultura com raiz negra eu posso ser quem eu sou, sabe, sem me adequar a padrão. Então eu acho que a cultura *Hip Hop* ela me fez ser quem eu sou, ela não me deu minha identidade, mas ela concretizou a minha identidade, então eu acho que ela proporciona diversos momentos de felicidade, diversos momentos de empoderamento que juntando a questão do *Hip Hop* eu trago a religião de terreiro, que ela cultua muito a questão da negritude, da roda, da dança, do gingado, da palma. Então, conforme eu fui conhecendo, foi me potencializando mais, sabe, a me identificar como negro, a me assumir enquanto negro, poder passar isso, do que eu sinto, enquanto negro pra outras pessoas além da cultura, pra poder se sentir, pra saber que tu é negro tu não é inferior a ninguém, mas também tu não é superior a ninguém, só que tu tem diversos eixos que isso te representa (Fragmento de entrevista, Homem, 22, apresentador, *grafiteiro, bboy, MC*).

3.2 Lazer: apropriação e (re)significação da juventude na cidade

Situar juventude como uma categoria que apresenta determinada idade, ancorada numa dimensão cronológica, além de compor uma tarefa fatídica e sem sucesso, não permite compreender a subjetividade dos indivíduos. “Ser jovem” ou “fazer parte da juventude” está dentro de uma situação subjetiva de pertencimento a um grupo social, ou seja, sentir-se parte deste segmento social denominado “juventude”.

Pode-se denominar juventude um segmento social composto por pessoas que atingiram a maioridade etária com interesses em torno da formação profissional, conquista do emprego, afirmação social, busca de identidade, respeito e dignidade. Tomando por base autores como Magnani (1984 e 2005), Dayrell (1999, 2002 e 2003) e Rosa (2012), percebemos que a categoria social juventude não pode ser reduzida a uma categoria homogeneizada. É necessário compreender os jovens dentro da especificidade social que os

circunda. Caminhamos assim para a compreensão, conforme os autores, de Juventudes, numa dimensão heterogênea e multifacetária desta categoria social.

Diógenes (2008, p. 93) situa a juventude como uma categoria reconhecida há pouco tempo, em uma época de grandes transformações sociais, políticas e econômicas:

A juventude constitui-se como categoria social, no que tange à definição de um intervalo entre a infância e a vida adulta, apenas no final do século XIX, ganhando contornos nítidos no início do século XX. A juventude é uma invenção moderna, sendo desse modo, tecida em um terreno de constantes transformações.

Portanto, as transformações vividas na forma de organização da sociedade são consoante as transformações experimentadas pela juventude, corroborando com o discurso de que é impossível situar a juventude como uma categoria homogênea e cabalmente definida.

A juventude permanece em constante processo de transformação, numa proximidade de autodestruição, na medida em que declina e relega ao ostracismo algumas construções de identidade e reconhecimento juvenis, buscando realizar novas construções que representem a época de transitoriedade de sua “juventude”. Diógenes (2008, p. 94) mostra os motivos desse processo:

Com a expansão do industrialismo, que o consumismo e a cultura de massas tornam-se a tônica da nova era, a juventude se expressa como agente catalisador e propagador de um estilo de vida moderno e cosmopolita. Nesse sentido a juventude é recortada por referentes simbólicos condensadores de uma marca estilizada do “ser moderno”.

Ou seja, para “ser moderno” é necessário estar em sua época ou além dela, portanto, as simbologias, as identidades e “marcas” de juventude construídas em determinado período histórico em pouco tempo perdem sua representatividade, pois deixam de representar o “moderno”, tendo como mola propulsora o consumismo, a indústria de produção de bens e mercadorias e os meios de comunicação, com capacidade de criar novas necessidades e representações do “ser moderno”.

Ressaltamos que essas transformações não são homogêneas e padronizadas, mas ocorrem de maneira distinta de acordo com a cultura e a forma de organização de sociedade em que determinada juventude vive. Ademais, esse decurso ocorre com crises, rebeldia e negação de valores morais, religiosos e normas de convivência socialmente construídas e institucionalmente impostas.

No entanto, não são apenas situações de insegurança, negação e rebeldia as representações atribuídas à juventude. Conforme Diógenes (2008, p. 96), “à juventude é

atribuída a tarefa de renovação social e afirmação da esperança, tendo em vista o pessimismo que parece impregnar os valores da “consciência pequeno burguesa””. Por conseguinte, espera-se da juventude uma postura de contestação, de rebeldia, porém progressista em relação ao modelo atual. A expectativa criada sobre a juventude é que ela se componha em uma categoria enérgica que anseia por mudanças e recusa modelos de organização que considera obsoletos, moralistas e controladores das liberdades individuais e coletivas.

A veiculação de discursos, produzidos por meios de comunicação de grande impacto sobre diversas juventudes, especialmente os jovens periféricos, pobres e negros, é o gatilho para a produção de preconceitos, discursos de ódio e a criminalização das populações de favelas e marginalizados dos processos econômicos e direitos sociais. Assim, Rosa (2012, p. 44 – 45) alerta ser necessário entender:

Os jovens a partir da diversidade experimentada nas suas formas de expressão, gostos e organizações. [...] As variadas manifestações de identidade são formas de organização social, um processo que é central na vida social dos sujeitos. A produção discursiva presente no senso comum e na grande mídia brasileira vem dando muita ênfase as carências que cercam os jovens criando imagens estigmatizadas dessas populações.

A autora segue expondo a imagem dessa juventude estigmatizada e retratada pelos veículos de imprensa como despolitizada, descrente da religiosidade, mostrando o envolvimento juvenil em Eventos conflituosos e atos de violência. Dessa forma, os meios de comunicação cumprem um papel hipócrita, gerando degradação moral da população pobre e abrindo caminho para o surgimento de discursos de ódio à cultura, ao modo de vida e à organização das comunidades periféricas (ROSA, 2012).

A partir das considerações acima, intentamos afirmar que as categorias cultura, Lazer e juventude têm como centralidade articuladora o Lazer, entendido como tempo-espaco de fruição e de organização de determinado grupo social. O cenário para essa articulação é a cidade, que passa a ser o espaco destinado ao Lazer, “domesticado” ou “lapidado” pelos frequentadores.

As juventudes se apropriam da cultura e de espacos de Lazer conforme seus interesses de pertencimento, de determinado grupo social, mas, principalmente, das condições econômicas. Esta é, em grande medida, determinante para acessar espacos e equipamentos destinados ao Lazer. Podemos dizer, portanto, que os espacos e equipamentos de Lazer configuram-se como uma mercadoria de consumo.

As dificuldades de acessar Lazer de qualidade, devido à falta de estrutura, de espaços públicos destinados à fruição do Lazer e de possibilidades de exercitar a criatividade são apontadas por Abramovay *et al.* (2004, p. 49 – 50):

A vida na periferia impõe uma existência marcada pela rotina, com graves limitações às atividades de Lazer, seja pelas precárias condições de infraestrutura das cidades, seja em virtude da falta de dinheiro. De fato esses jovens contam com poucas possibilidades de diversão, praticar esportes e utilizar, de maneira geral, a sua criatividade. Frequentemente restam poucas alternativas além da prática de atos ilícitos e do consumo de drogas e bebidas alcoólicas que, ao mesmo tempo, representam uma forma de diversão e, por outro lado, são constitutivos de um ambiente de violência que coloca novas restrições ao exercício do Lazer.

Mas não se trata apenas da juventude, trata-se da cidade. A segregação nos espaços de Lazer é mais perceptível no segmento juvenil, pois este é barulhento e destemido quando as pautas o envolvem. Geralmente o grande coro de manifestações urbanas, sobre as mais diferentes pautas, é protagonizado por pessoas “mais jovens” em sua maioria pertencentes às classes sociais menos abastadas.

Para compreendermos melhor o que compõe a cidade, recorremos a Lefebvre (2001, p. 52), segundo o qual “a cidade não é um simples produto material, mas uma obra de arte concebida a partir de determinadas condições históricas sendo uma produção e reprodução de seres humanos por seres humanos, mais do que uma produção de objetos”. Portanto, a cidade como uma obra de arte é uma construção coletiva, sendo resultado de tensionamentos, conformações, disputas, imposições, ou seja, um lugar se metamorfoseando pela ação dos grupos sociais que a compõe sendo situada em um:

Meio termo, a meio caminho entre aquilo que se chama de ordem próxima e a ordem distante, a ordem da sociedade, regida por grandes e poderosas instituições, por um código jurídico formalizado ou não, por uma cultura e por conjuntos significantes. A ordem distante se institui nesse nível “superior”, isto é, nesse nível dotado de poderes (LAFEBVRE, 2001, p. 52).

A ordem próxima pode ser entendida como as organizações não distantes da vida comunitária, dos bairros, das vilas e das famílias. Isto significa que há uma organização mais imediata, que auxilia na organização do local em que os sujeitos vivem, que possibilita um uso menos controlado e rígido da cidade. Em nenhuma situação isso significa que esses níveis de organização sejam contraventores, apenas a vigilância sobre a reprodução da vida social pode ser menor do que quando a denominada “ordem distante” determina a organização da cidade.

Assim, a cidade moderna (ocidental) desde sua concepção na Idade Média, quando frequentada e movimentada principalmente por mercadores e banqueiros, até sua organização contemporânea tem em sua centralidade um valor de uso, ou seja, um lugar onde os sujeitos inscrevem a sua história e continua sendo:

[...] para nós o tipo e o modelo de uma realidade urbana onde o uso (a fruição, a beleza, o encanto dos locais de encontro) predomina ainda sobre o lucro e o proveito, sobre o valor de troca, sobre os mercados e suas exigências e coações. Ao mesmo tempo a riqueza devida ao comércio das mercadorias e do dinheiro, poder do ouro e o cinismo desse poder também se inscrevem nessa cidade e a prescrevem uma ordem (LEFEBVRE, 2001, p. 53).

A ordem prescrita à qual o autor se refere trata do domínio da cidade pela ordem hegemônica vigente. Os detentores do poder determinam a quem a cidade vai servir, a elaboração de planos diretores, prioridades para circulação de pedestres e veículos de transporte coletivo ou de veículos particulares. Portanto, as prioridades são efetivadas conforme o interesse de quem pode prescrever a ordem.

Adiante Lefebvre (2001, p. 54) adverte que há distinções conceituais no que se refere à cidade e ao termo urbano, pois:

Há, portanto uma ocasião em uma razão para se distinguir a morfologia material da morfologia social. Talvez devêssemos introduzir aqui uma distinção entre a *cidade*, realidade presente, imediata, dado prático sensível, arquitetônico – e por outro lado o “urbano” realidade social composta de relações a serem concebidas, construídas, e reconstruídas pelo pensamento.

Portanto, as cidades desenham-se voltadas para determinado setor social. Ou seja, o urbano é novamente determinado em última instância pela “ordem distante” ou por quem “prescreve a ordem”, ao passo que a apropriação da rua por sujeitos excluídos dos lugares privados destinados ao Lazer é vista como uma ameaça à organização pacífica e ordeira da cidade. Portanto, à guisa de uma cidade com forte controle das instituições de poder, sejam públicas ou privadas, estas centralizam a concepção sobre o urbano, determinando comportamentos, concepções de cultura, Lazer, sociedade.

Rolnik (1995) concebe e define a cidade burguesa com dois locais antagônicos para a socialização de sujeitos: um deles é a casa, lugar onde a burguesia passa a receber seus convidados e usufrui dela em seu tempo livre, ou seja, a convivência é delimitada conforme idade, gênero e classe social neste lugar considerado seguro e exclusivo. Em oposição a casa, Rolnik (1995, p. 50) apresenta que “a rua é terra de ninguém, perigosa mistura de classes, sexos, idades funções”. É, portanto, o lugar que deve ser evitado devido a esses “perigos”.

Construindo uma analogia entre lugares, podemos apontar que a “casa” estabelece uma estreita relação com lugares como *shopping centers*, casas noturnas, bares, cafés e outros destinados à aglutinação de pessoas com interesses diversos. Para a “rua” construímos um paralelo com as praças, parques públicos abertos, locais também destinados à aglutinação de que pessoas se apropriam com interesses diversos.

A partir dessa conotação, o termo rua ultrapassa o conceito a ela atribuído, ou seja, não é apenas uma via de trânsito, de deslocamento e de fluxo de pessoas, cargas e mercadorias com uso de veículos. A rua é encarada como um espaço para a socialização e produção de sentidos e valores diversos por aqueles que se sentem atraídos por ela. Temos, portanto, um sentido humanizado, sensível e coletivista atribuído ao que se entende por rua.

Os espaços e locais destinados ao Lazer estritamente mercadológico podem ser concebidos como *não-lugares* na definição de Augé (1992, p. 67) “um espaço que não pode definir-se nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico”. Em contrapartida além de “identitário, relacional e histórico” o autor elucida ainda que “o lugar consuma-se através da palavra, da troca alusiva a certas senhas, na convivência e na intimidade cúmplice dos locutores” (*op. cit*, p. 67). Portanto, são espaços destinados a uma relação de consumo, mesmo que para o Lazer não se configura como um lugar ao qual as pessoas acessam espontaneamente. Ao acessar o Lazer proporcionado pelo consumo é necessária uma predisposição financeira para que a fruição seja possível.

Em contraponto à apropriação dos espaços públicos, a postura crítica com relação à organização da cidade e à conduta dos dirigentes políticos, a exaltação do local onde vivem e se organizam socialmente, ou seja, bairros, vilas, expressa nas rimas da Batalha dos Bombeiros e nas músicas gravadas pelos *MC's* de Santa Maria mostram que há um misto de satisfação com a cidade desde que ocorram mudanças que possam favorecer a reprodução da vida social e garantam o acesso a direitos básicos. Isso é corroborado por Valle (1988, p. 48):

Na agressividade ou na aparente alienação ou apatia, no consumismo, ou na criação de novos comportamentos, na recuperação da tradição tanto quanto em seu abandono, a prática de Lazer se espelha na realidade cotidiana, a cuja dinâmica está associada, e a convivência da sociedade com ela, sob forma de conformismo, de revolta ou ainda de busca de superação.

Se o Lazer organiza-se a partir da cultura e da sua celebração, indubitavelmente o Evento Batalha dos Bombeiros compõe-se como um espaço de Lazer de organização do Movimento *Hip Hop* a partir e em torno dos sujeitos da periferia de Santa Maria. A partir dessa organização os sujeitos buscam respeito e afirmam a sua existência e a sua cultura. Em

síntese, não é um consumo despropositado, mas a produção cultural conforme as necessidades e interesses:

Na minha visão a Batalha ela tem um leque muito gigante de momentos que são proporcionados dentro daquele espaço público ali, que, na real, não é pra dar o sentido só artístico, mas pra dar ênfase a um contraponto na cidade. Porque nós vivemos numa cidade que se chama Santa Maria, “Cidade Cultura”. Aonde a cultura, quem faz, é quem tem a necessidade da cultura, então automaticamente isso é um contraponto. (Fragmento de entrevista, Homem, 22, apresentador, *grafiteiro, bboy, MC*).

No que tange aos espaços públicos, especialmente as praças na cidade de Santa Maria, é nítida a degradação, o descaso da gestão pública na manutenção e o parco investimento, conforme adverte Brum *et al.* (2013, p.2138):

O planejamento dos espaços públicos de Lazer na cidade de Santa Maria parte de uma definição de recursos que é residual. A importância destinada às áreas verdes públicas sempre é reduzida, enquanto aumentam as necessidades reais criadas pela expansão urbana. Associada à esta questão está a falta de políticas públicas consistentes no campo urbanístico.

O tempo destinado ao Lazer e à cultura é direcionado aos espaços privados onde o acesso e a permanência é “comprável”. Como assinalam Marin e Padilha (2000), nos espaços privados, o Lazer depende de uma estrutura organizacional pré-determinada, na qual só é possível se apropriar por meio do consumo. Dessa forma, o Lazer perde seu intento livre, seu aspecto lúdico e sua arte, pois está totalmente controlado e dependente do consumo de equipamentos. Estabelecido pelas relações econômicas capitalistas, o Lazer mercadoria também pressupõe a divisão social do consumo diferenciando trabalhadores de patrões, na medida em que as condições financeiras permitem acessar espaços e equipamentos de valores condizentes com sua condição social. Portanto, as desigualdades sociais produzidas na esfera da organização do trabalho também se traduzem no Lazer na medida em que o acesso a determinados espaços e equipamentos excluem grande parte da população.

Conforme Mascarenhas (2003, p. 14), a partir da década de 1970 a ociosidade deixa de ser uma conduta apropriada associada ao Lazer. Este passa a ser “pensado a partir de um conjunto de atitudes a serem cultivadas pelo indivíduo. O Lazer passa a figurar como direito social, devendo sua prática ser assegurada e estendida pelo Estado Brasileiro”. A garantia de direito social não assegurou ao sujeito a exploração livre do seu tempo de Lazer. O Lazer passou a ser objeto de disputa do mercado sendo concebido como uma mercadoria disponível para o consumo. Sendo uma mercadoria, o acesso é garantido para quem paga por ele.

Dentro dessa perspectiva, o Lazer é assegurado como direito, mas dentro de uma concepção de privação da liberdade criativa, pois, como segue (apontando críticas) Mascarenhas (2003, p. 15), “o Lazer é concebido como componente funcional imprescindível ao equilíbrio social, garantindo condições adequadas ao trabalho e contribuindo para a formação moral dos indivíduos”. Trata-se, portanto, de uma concepção em que os sujeitos não são protagonistas na fruição do seu Lazer.

Para a incursão em nosso trabalho, tomaremos como articulador cultural o movimento *Hip Hop*, uma breve incursão sobre sua história, especificidade e sua representatividade enquanto movimento social, suas transformações e também sua ressignificação no contexto urbano de Santa Maria.

4. A CIDADE E O MOVIMENTO *HIP HOP*: A BATALHA DOS BOMBEIROS COMO CATALISADOR DA OCUPAÇÃO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS

*Vou te falar, lembra (Lembra!)
De tudo que conseguimos ser (Tudo!)
Casos pra contar, rir e chorar
Isso não pode se perder (Jamais!)
Independente do caminho diretriz (É!)
Ser frutos ligados à raiz (Aí)
É o que nos fará vencer
Isso não pode se perder, em você.
(Isso não pode se perder – Emcida)*

4.1 Elementos históricos do *Hip Hop* e especificidades em Santa Maria

O Movimento *Hip Hop* é oriundo dos guetos nova-iorquinos, especificamente da região conhecida como *South Bronx*, com população predominantemente e historicamente excluída (principalmente negros e imigrantes jamaicanos). Data do início dos anos de 1970, num contexto de problemas sociais graves como pobreza, violência, tráfico de drogas, racismo, carência de infraestrutura básica, de educação e outras mazelas sociais¹³.

A história do Movimento *Hip Hop* está intimamente relacionada com a história de luta pelos direitos civis da população negra dos Estados Unidos da América (USA). Conforme mostra Anschau (2002), a luta se organizava por meio de movimentos e grupos em torno de ideias que refletiam e buscavam alternativas para a exclusão social sofrida por negros e brancos pobres em fuga da violência e das drogas.

De acordo com Tocha (2006), o *Hip Hop* está centrado na “disputa com criatividade”, sendo concebido como uma forma de diminuir a violência entre as gangues de rua nas periferias de Nova Iorque, no início da década de 1970¹⁴.

Idealizado por Afrika Bambaataa e pelo *DJ* jamaicano Kool Herc articula quatro elementos: *MC*, *DJ*, *Break* e Grafite. Com isso ofereceram aos jovens uma alternativa que culminava em abdicar seu envolvimento em gangues para dedicar seu tempo à criatividade de produção de uma nova forma de organização social e cultural. Assim, os confrontos de

¹³ Ver mais detalhes em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Hip_hop, ou com mais detalhes e informações ver em inglês: https://en.wikipedia.org/wiki/Hip_hop

¹⁴ Ver mais sobre em: <http://diversidadeculturalhiphop.blogspot.com.br/2008/09/histria-do-hip-hop.html>

criatividade são possibilidade de preencher o espaço ocupado pela violência física promovida pelas gangues.

Tocha (2006) afirma que o Movimento *Hip Hop*, assim como os movimentos sociais em geral, “não pode ser consumido, mas tem que ser vivido (não comprando roupas caras, mais sim melhorando suas habilidades em um ou mais elementos dia a dia). É um estilo de vida. Uma cultura a ser seguida”. Quando Tocha afirma que o Movimento *Hip Hop* não pode ser consumido, refere-se à subjetividade que trata dos valores, das lutas e da própria identidade configurada e reconfigurada por quem constrói o Movimento *Hip Hop*. Ou seja, não trata dos itens e objetos materiais produzidos, mas da imaterialidade, seja ela a identidade, a noção de pertencimento, a autoestima gerada da produção intelectual, seja outros elementos subjetivos que impulsionam a caminhada dos movimentos sociais.

Portanto, o Movimento *Hip Hop* constitui-se em movimento social, desde sua origem até o momento histórico atual. Podemos perceber que há pessoas que procuram dar continuidade às lutas sociais em curso. Ademais, não podemos desconsiderar sua função social e possibilidade de articulação política nas periferias, bem como o *funk* e outros gêneros musicais que emergiram de movimentos sociais envolvidos na luta pela igualdade de gênero, contra o racismo, o machismo, a homofobia, entre outros. Sobre o contexto do *Hip Hop* na cidade de Santa Maria, o MC entrevistado expõe as contradições:

Mas eu tenho estado feliz com a evolução do *Hip Hop* na cidade. Mas também fico um pouco triste pra onde o *rap* ta indo. Porque eles estão esquecendo de onde ele vem, tão esquecendo mesmo. Acham que o negócio é ganhar dinheiro, dinheiro... Claro o cara tem que ganhar dinheiro, se o cara puder viver do *rap*, beleza. O cara tem que lutar, tem que lutar e não pode esquecer que o rap é a maior ferramenta que a gente tem pra isso. Salva muito mais gente que qualquer projeto social, porra ele é o, *rap*, cara! É O *Hip Hop* cara! Eu não tenho como te explicar o que seria o *Hip Hop*, mas o papel social dele é muito maior do que dão o valor. O valor dele é muito maior do que ele tem, pros governantes no caso. (Fragmento de entrevista, Homem, 24, ex-membro, MC)

O mercado tem se apropriado da produção comercial de músicas e sentidos para o *Hip Hop* em forma de mercadorias. Empresas de roupas, calçados e acessórios têm investido em produzir as formas de “vestir” dos participantes e apreciadores do Movimento *Hip Hop*. Ilustra o cenário de que as manifestações culturais não existem de maneira isolada dentro da sociedade, mas são influenciadas e em constante tensão entre sua forma de existir. Harvey (2011, p. 198) explica que:

A transformação das culturas, histórias e criatividade intelectual em mercadorias para venda implica a despossessão do passado e do presente da criatividade humana. A música pop é notória pela apropriação e exploração da cultura e da criatividade de base.

Portanto, o capitalismo tem se apropriado dos elementos do Movimento *Hip Hop*, direcionando linhas de produção de mercadorias relacionadas à determinada manifestação cultural, tendo como alvo um público que busca afirmar sua identidade, neste caso o *Hip Hop*. Esse é um dos fatores marcantes na “cena” *Hip Hop* do país e no mundo no contexto atual, ou seja, o mercado tem abocanhado a produção cultural periférica, produzindo mercadorias para gerar dividendos a partir de sua comercialização. Não obstante não tem produzido inclusão social de fato, apenas se apropriado da cultura com finalidade comercial.

Anschau (2002, p. 41) mostra que o cenário nacional produziu *rappers* com grande suporte midiático, que produziram letras curtas, melódicas “desapropriadas de seus conteúdos críticos iniciais, relacionados com a classe social e etnicidade”, ou seja, não abordavam as mazelas sociais e as necessidades da população da periferia, a fim de garantir a comercialização e atingir um público de classe média. Já os grupos e *rappers* oriundos da periferia são mais apreciados pela população periférica, pois tratam “nas letras das músicas um conteúdo diferenciado, que causa um certo estranhamento por parte dos outros segmentos da sociedade” (Ibid., p. 42).

Tecendo um paralelo com o *Hip Hop* em Santa Maria, verificamos que os sujeitos que participam da Batalha dos Bombeiros interessam-se por grupos e *rappers* que contemplam em suas letras o conteúdo crítico, voltado para a situação social em que vivem; é possível identificar nas músicas tocadas no equipamento de som¹⁵ o conteúdo crítico das letras e também que fazem parte do repertório de *rappers* e grupos como *Sabotage*, *Racionais MC's*, *Facção Central*, *Preta Rara*, *Dino Black*, *Sistema Negro*, *Dexter*, *Issa Paz*, *Rappin Hood*, *Dina Di*, *RZO GOG*, *Trilha Sonora do Guet*, entre outros. Em geral, há uma preferência pela produção do *rap* nacional, a partir dos grupos e *rappers* explicitados.

Na maneira de se vestir, há predomínio das roupas largas características construídas na vivência do *Hip Hop*. Os adereços como bonés apresentam-se na maioria dos participantes, com uma característica peculiar, qual seja, a “aba reta”.

As características das roupas e o estilo que caracteriza o *Hip Hop* são provenientes dos estilos de se vestir afro-americano, caribenho e latino que influenciaram e influenciam até hoje o estilo de se vestir, no qual o importante não é ostentar marcas e luxos, mas vestir-se

¹⁵ Mais detalhes no capítulo 5

com estilo. Observamos que há um grande número de participantes que veste camisetas com serigrafias e estampas artesanais elaboradas por meio de *stencil*, uma técnica de *grafite*. O consumo de vestuário (camisetas, bonés, calças, calçados, casacos) alia a necessidade de se vestir e ao mesmo tempo procura se aproximar da identidade cultural construída no/pelo *Hip Hop*.

No que tange ao *Hip Hop* em Santa Maria, Scoz (2008), em pesquisa realizada sobre as narrativas urbanas a partir das pessoas envolvidas no *Rap*, assinala que o Movimento é conhecido desde 1993, no entanto apresentava seus elementos de forma fragmentada com pouca unidade entre *rappers*, *breakdancers*, grafiteiros e *DJ*'s. Logo, os elementos que compõe o *Hip Hop* aconteciam de acordo com os interesses e as condições de cada sujeito ou grupo, não havendo centralidade na organização do Movimento nem de grupos que aglutinassem todos os elementos.

Apesar das primeiras manifestações de *Hip Hop* datarem de 1993, Anschau (2002, p. 44), em seu estudo sobre o consumo da cultura a partir da mídia e do Movimento *Hip Hop*, frisa que a “organização como movimento pode ser registrada a partir do início de 2001. Até o surgimento do Movimento Real *Hip Hop*, havia na cidade grupos que trabalhavam isoladamente, muitas vezes, uns não conheciam o trabalho dos outros”.

Portanto, as ações do CORAP, bem como a organização de um grupo para apoiar o *Hip Hop* e seus elementos, advinha da necessidade de aglutinar, potencializar e visibilizar a produção cultural em torno do Movimento *Hip Hop*. A afirmação é ilustrada na fala do interlocutor:

O cara via muitos movimentos que utilizavam o rap sabe mas não era voltado totalmente para o *Hip Hop* daí na carência disso a gente pegou e se reuniu com o intuito de reforçar os talentos periféricos, as artes da Periferia que estava assim meio de canto assim na cidade. (Fragmento de entrevista, Homem, 24, ex- membro, *MC*).

A interlocutora também sinaliza que a proposição do CORAP para o Movimento *Hip Hop* vai além da preocupação artística. Adentra em uma necessidade de reforçar o Movimento a partir de sua gênese que é a de Movimento Social:

A proposta do CORAP, para o *Hip Hop* da cidade é unificar os protagonistas da cultura *Hip Hop*, *MC*'s, *B-Boys*, *B-Girls*, grafiteiros, grafiteiras, *DJ*. A gente tem uma carência muito grande, não tem esses elementos ativo, como os outros, a proposta é unificar esses elementos, mas também fazer a parte social do Movimento *Hip Hop*, e não simplesmente a parte artística, e sim a parte social, educacional, e poder estar transmitindo conhecimento pra periferia, e também, mas elevando as pessoas da periferia, que fazem *Hip Hop* e as que não fazem também. A proposta é

essa: estar nas periferias. (Fragmento de entrevista, Mulher, 23, apresentadora, *beatbox, MC*)

Conforme os registros, o grupo de dança *Funk Black Birds*, criado em 1990, deu origem ao primeiro grupo de *rap* conhecido por *Birds MC's*, que teve como principal referência o *rapper* Lili Carabina (ANSCHAU, 2002) ao lado de Maikel Dee (SCOZ, 2008) que fundou em 1997 o grupo chamado *Clã de MC's*. Alguns integrantes do *Birds MC's* criam, em 1998, o grupo *Tráfico Legal*¹⁶ com o “sentido de ‘traficar’ ideias positivas para a periferia” (Ibid. p. 47), que juntamente com o grupo *Atitude Consciente* são os grupos pioneiros do *Hip Hop* santamariense. Cabe destacar a presença de mulheres no Movimento *Hip Hop*, como, por exemplo, a banda *Conexão Central*, formada por 3 mulheres.

Alguns grupos de rap de Santa Maria tiveram curta existência, principalmente devido a dificuldades financeiras de se manterem, adquirir equipamentos e garantir local para os ensaios. Não obstante, outros surgem com novos participantes e integrantes de grupos que se extinguíram. Scoz (2008) registrou vários grupos de rap que compõem a cena *Hip Hop* de Santa Maria, entre eles destacamos o grupo *Fortes Mentas* que surgiu em dezembro de 2005 e está em atividade há mais de 10 anos na cidade. Dentre os grupos extintos que tiveram repercussão na cidade destacamos: *Sequestro Cerebral*, *Faccionários*, *RDR* (Realidade das Ruas), *DNA MC's* (Dinastia Negra Absoluta), *Rajada Verbal*, *Suspeito N° 1*, *Atitude Consciente*, *Conexão Zona Oeste*, além de grupos compostos só por mulheres como *Das Minas Zona Oeste* e *AMR* (Admirável Minas Rap) (SCOZ, 2008).

Scoz (2008, p. 39) ainda menciona a existência do “projeto ‘Passe Livre Cidadão *Hip Hop*’ que acontecia aos domingos de passe livre na Praça Saldanha Marinho”; no entanto, não informa ano, nem época de existência, apenas faz menção de que devido aos boicotes promovidos pela Prefeitura não foi possível obter equipamentos de som para desenvolver o projeto.

Percebemos que o projeto “Passe Livre Cidadão *Hip Hop*” se configura no registro da primeira organização da cultura da periferia visando o divertimento e a ocupação dos espaços públicos, a exemplo da Praça Saldanha Marinho (a praça considerada “mais central” da cidade), ou seja, configura-se num processo de organização do Lazer dos sujeitos que se apropriam do *Hip Hop*.

A história do *Hip Hop* em Santa Maria, registrada em trabalhos científicos, está contada, majoritariamente a partir da formação de grupos de *rap*, da elaboração de letras, das

¹⁶ No grupo *Tráfico Legal* estiveram lado a lado Lili Carabina e Mickael Dee.

gravações de *CD's*, enfim em torno da produção musical do Movimento *Hip Hop*. No entanto, cabe notar que os grupos tiveram a preocupação de fortalecer a cultura em torno do *Hip Hop* e a valorização dos bairros onde vivem, tendo seus integrantes se inserido em escolas da periferia, ministrando oficinas de grafite, rima e discotecagem (ANSCHAU, 2002; SCOZ, 2008).

No Evento Batalha dos Bombeiros é perceptível a participação de frequentadores que não são ligados unicamente¹⁷ à periferia da cidade. Há também participação expressiva de estudantes universitários, tanto como participantes quanto *MC's*. A configuração social do contexto santa-mariense, especialmente as periferias, é minimamente díspar em relação ao contexto dos anos de 1970 nos guetos de Nova Iorque. Apesar disso há mazelas que se reproduzem, de maneira ainda significativa, como violência, falta de infraestrutura, de saneamento básico, pobreza e outras.

Os participantes¹⁸ da Batalha dos Bombeiros experienciam o Evento não apenas como uma possibilidade de junção¹⁹ na cidade. Muito além disso trata-se de uma manifestação de resistência e afirmação de identidade por meio do Lazer. Em consonância com Mascarenhas (2005), consiste em uma manifestação alternativa ao Lazer mercadoria e se insere na cidade justamente como resultado da necessidade de alternativas para o Lazer. Evidente que não imune à autocrítica e à crítica.

Além disso, os protagonistas²⁰ não são cantores profissionais, muitos fazem as rimas com o objetivo de expor as mazelas sociais vividas na cidade, explorar a criatividade, sistematizar conhecimento e construir espaços de reconhecimento através do *Rap*. Cabe assinalar que, por meio da apropriação da praça, os participantes assumem significação social para fruição, criatividade e produção de conhecimento.

¹⁷ Acreditamos que a ampliação do acesso ao Ensino Superior, principalmente após 2005, permitiu que sujeitos (população negra, indígena, em situação de pobreza) antes massivamente excluídos deste nível de ensino pudessem acessar os bancos das universidades, no entanto mantém os laços culturais e sociais no qual se criaram e já tem identificação.

¹⁸ Quando fazemos referência a participantes da Batalha dos Bombeiros referimo-nos aos frequentadores do Evento de maneira geral, ou seja, aqueles que na noite específica do Evento não estão participando da organização. Os organizadores/apresentadores, *MC's*, *Beatbox* trataremos por protagonistas (explicado na próxima nota de rodapé).

¹⁹ O termo junção é comumente utilizado entre pessoas jovens em referência a encontros, reuniões festivas e reuniões “pré-balada”.

²⁰ Ao tratarmos dos “protagonistas da Batalha dos Bombeiros” referimo-nos aos apresentadores da Batalha, *Beatbox*, *MC's* inscritos para participar das disputas. Frisamos que não são sempre os mesmos que assumem o protagonismo no Evento.

4.2 “Quem chegou pra somar? É o CORAP!”

A referência do subtítulo consiste em um verso da entidade CORAP. O Coletivo mantém grande inserção social principalmente na Zona Oeste da cidade de Santa Maria. No entanto, há membros de todas as partes da cidade. Apesar de ter sido fundado em 2010, muitos dos atuais e ex-membros já atuavam inseridos em movimento sociais e no Movimento *Hip Hop*, sendo de iniciativa de sujeitos residentes na Zona Oeste da cidade.

O CORAP, cara, ele surgiu em 2010. Na verdade o CORAP já existia antes como Guerrilha da Paz, com *Hip Hop* na Pracinha essas coisas ai. Só que nessa época foi 2007, 2008 quando eu fui me envolvendo com o *Hip Hop*, mesmo. Só que aí não tinha nome, não era CORAP e tal. (Fragmento de entrevista, Homem, 29, apresentador, *beatbox*, MC)

O CORAP ele começou a se organizar informalmente através de um Evento que a gente tinha o Guerrilha da Paz. Que era só pra gente cantar, juntar os grupos, cantar rap e tal. Depois que a gente fez esse Evento uma vez, depois fez o segundo, tudo nas escolas. Daí no primeiro não teve oficina só teve shows, daí no segundo já teve as oficinas e teve show. Desde lá o Guerrilha da Paz, ficou como aquele dia, sabe. Só que antes era bem mais pegado, bem mais forte, era o nosso carro chefe. Nós não tinha nenhum outro Evento, então era o que nós se focava. Depois se criou o *Hip Hop* na Pracinha, né e depois de uns 3 anos, eu acho, se a Batalha tem quatro... depois de uns 3 anos de existência nossa que aí a gente já era CORAP, Coletivo de Resistência Artística Periférica, depois desse período começou a Batalha dos Bombeiros. (Fragmento de entrevista, Mulher, 23, apresentadora, *beatbox*, MC)

Antes mesmo de atuar como coletivo denominado CORAP alguns dos membros organizavam o Evento chamado Guerrilha da Paz. O Evento é realizado em escolas que abrem suas portas, muitas vezes a partir de iniciativas dos alunos da escola, que apresentam a proposta do Evento para a direção, que participam e apreciam o Movimento *Hip Hop* na cidade. É realizado em um dia inteiro de atividades relacionadas à totalidade dos elementos do Movimento *Hip Hop*. O Evento Guerrilha da Paz agrega oficinas de Grafite, discotecagem e *Beatbox*, MC e criação de rimas e *Break*. Após as oficinas há apresentação de MC's que cantam músicas autorais. No Evento participam os alunos da escola e pessoas ligadas ao Movimento *Hip Hop*. Professores e funcionários participam e auxiliam na organização do local e do almoço servido na escola. O Evento foi contemplado com o Prêmio Cultura Hip Hop 2010 – Edição Preto Ghoetz²¹, na categoria Conhecimento²². O Edital de premiação foi promovido pelo Ministério da Cultura, por iniciativa do Governo Federal, no ano de 2010.

²¹ Para saber quem foi Preto Ghoetz ver: <http://www.rapnacional.com.br/voce-sabe-quem-foi-preto-ghoez-entao-fique-sabendo/>

²² Para ver mais sobre o prêmio acessar: <http://igordefato.blogspot.com.br/2010/12/guerrilha-da-paz.html>

Outro Evento organizado pelo CORAP é o *Hip Hop* na Pracinha, que leva o Movimento *Hip Hop* para as praças da periferia da cidade de Santa Maria. A logística do Evento envolve mapear a praça em que há uso pela população do bairro ou vila e construir a organização juntamente com os moradores que tiverem interesse. É um Evento que exige uma organização intensa, pois há necessidade de organizar almoço, instalar equipamentos de som e solicitar autorização para os proprietários dos muros lindeiros com a praça. Dentre as ações desenvolvidas encontram-se: fazer a roçada do mato e macegas, revitalizar e reformar, ao alcance das condições materiais e humanas, bancos, brinquedos e equipamentos disponíveis no local. Além disso, realizam-se apresentações em forma de Microfone Aberto, onde os participantes do Evento podem realizar intervenções, seja cantando ou declamando. Evidente que os participantes e as intervenções atentam e são vinculados ao Movimento *Hip Hop*. Outra atividade que desperta muita atenção é a existência do chamado Muro Aberto, ou seja, se há disponibilidade de muro no local, os grafiteiros realizam intervenções de artes plásticas, sendo que cada grafiteiro é responsável pelo seu material (tinta, pincéis, rolos). Essa intervenção é autogerida e organizada pelos próprios grafiteiros que dividem o muro para que possa contemplar todos os interessados. A operacionalidade e objetivos desta intervenção urbana é mais bem explicada pelo interlocutor:

O ideal do *Hip Hop* na Pracinha é a gente trabalhar em cima de espaços ociosos de atividade [...] Sempre quando a gente entra com o *Hip Hop* na Pracinha existe uma construção pra aquilo que aconteça que é também a questão da revitalização, a gente não leva só o lado artístico pra esse espaço, mas também tenta levar um outro ar. Uma pelo *graffiti* que já dá um ar diferente pelo fato da tinta passar uma mensagem, uma visão, ou sei lá, uma reflexão mesmo. E outro é a questão de limpar o ambiente, cortar grama, juntar o lixo, pintar alguma coisa, botar lixeira, fazer alguma coisa, sabe. Então é tudo estudado. Nada é por acaso. E ativa os espaços. (Fragmento de entrevista, Homem, 22, apresentador, *grafiteiro, bboy, MC*)

A Batalha dos Bombeiros viria a ser organizado apenas dois anos após a fundação do CORAP, ou seja, em setembro de 2012. A logística de organização é bem menor do que nos Eventos mencionados acima. Para a realização da Batalha, é necessário apenas levar o conjunto de bandeiras elaborado por grafiteiros e ativistas sociais que expressam as propostas e defesas de direitos sociais realizadas pela entidade. Além disso, um pequeno equipamento de som é instalado para que algumas músicas sejam tocadas durante o “*rolê*”, seja usando um *pendrive*, seja um computador portátil.

4.3 Entrando na cena: do estranhamento à “enturmação”

Trafegar na Praça dos Bombeiros em dia de Batalha dos Bombeiros é algo que pode deixar o transeunte mais conservador ou “bitolado” estarecido, não devido à presença de dezenas de jovens ocupando a Praça, rindo, conversando, fazendo graça, alguns bebendo, outros fumando, enfim, divertindo-se, mas devido ao fato de que jovens provenientes da periferia têm-se apropriado de um espaço público localizado no centro da cidade, ou seja, “fazendo bagunça e barulho no lugar que é frequentado por famílias²³”. Essa demagogia cerca e persegue o segmento juvenil que vem ocupando os lugares públicos da cidade de Santa Maria, criando preconceito e criminalizando-o, em especial a juventude periférica, ainda mais especificamente a juventude negra.

A relação com a cidade e a população “mais central” pode não ser a mais amistosa, no entanto a cidade respeita e admite a ocupação do espaço. Ilustramos essa situação com as falas dos interlocutores:

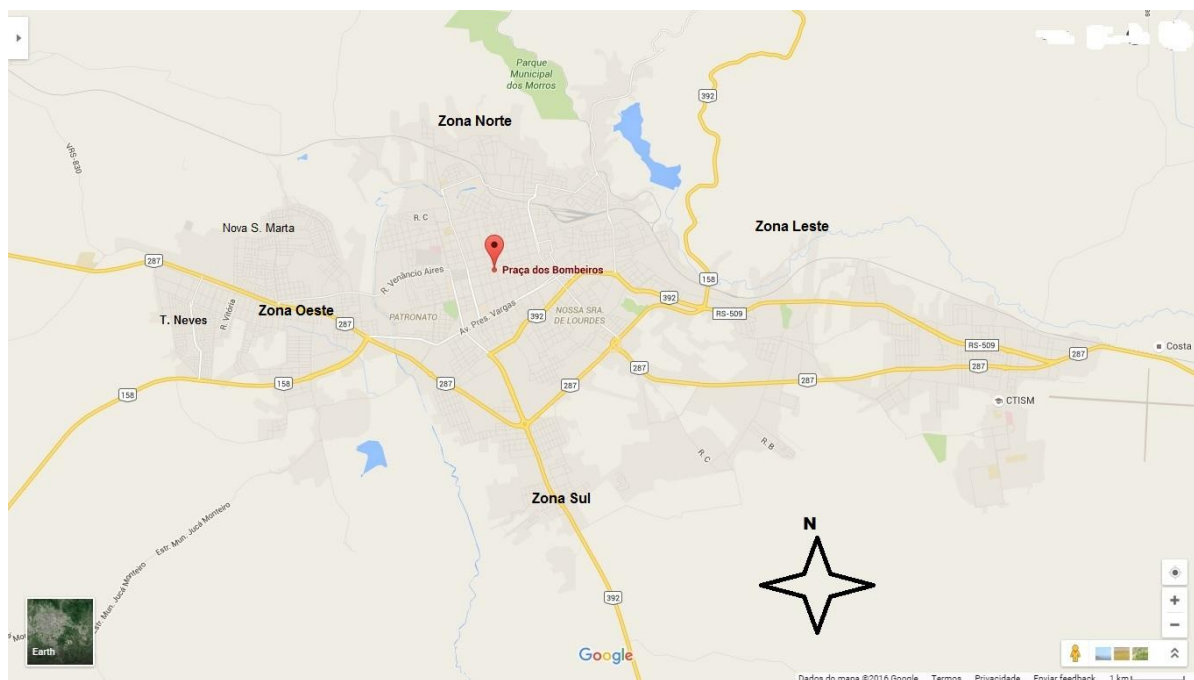
Acho que a gente incomoda eles mano. Acho que se eles pudessem toda sexta-feira botar um montão de polícia lá pra quebrar o cara a pau e não deixar acontecer eles botavam. E sempre tem essa aí: onde tu vai ter rap, os caras já ficam: “bei!!”. (Fragmento de entrevista, Homem, 24, ex-membro, MC)

Mas a cidade entende, eu acredito, que eles mesmo, devem saber que a gente tá ali, porque a própria polícia sabe que a gente tá ali toda segunda sexta-feira do mês, porque já teve caso deles chegar ali e a gente foi conversar pra saber se aconteceu alguma coisa e eles disserem que não que só tão passando que eles sabem que nós estamos ali. Então já sabem, a própria cidade entende que toda segunda sexta-feira do mês vai ter ação ali, vai ter um monte de gente ali em roda e depois que a gente começou a pensar nesse impacto. Após isso a gente começou a pensar no impacto social que isso causaria, de nós estamos em uma praça que ao lado dos Bombeiros que é uma instituição Pública. De a gente estar num espaço público onde a gente não pede, não pediu e nunca vai pedir pelo menos, permissão pra prefeitura. A gente não tem nenhum papel que diga que a gente é permitido de estar ali. (Fragmento de entrevista, Mulher, 23, apresentadora, *beatbox*, MC)

A figura abaixo ilustra que a Praça se localiza em uma área “estratégica” em relação aos Bairros afastados do centro. Definimos que se trata de uma área estratégica, pois para as proximidades do local convergem praticamente todas as linhas de ônibus que realizam o transporte de passageiros na cidade.

²³ Senso (comum e moderado – não radical, no entanto equivocado) formado a partir de percepções e frases soltas e posições conservadoras de cidadãos, dando entrevistas para jornais, veiculação de opiniões e comentários realizados em redes sociais acerca do tema.

Figura 1 – Mapa da sede urbana do Município de Santa Maria, o ícone vermelho indica a localização da Praça dos Bombeiros.



Fonte: “print” em imagem do site: <https://www.google.com.br/maps> (orientação geográfica elaborada pelo autor em editor de imagens).

Além da localização central e estratégica no desenho urbano da cidade de Santa Maria, os interlocutores apresentaram outros aspectos que foram determinantes para a organização da Batalha dos Bombeiros naquele espaço:

No centro é muito mais fácil pro cara da Leste chegar, pro cara da Sul chegar, tem ônibus que leva até lá é melhor a gente deixar no centro então. Então deixamos no centro, por ser um lugar central onde todos os MC's de todas as bandas vão poder chegar. (Fragmento de entrevista, Homem, 24, ex- membro, MC)

Praça dos Bombeiros ela é uma praça neutra, porque por mais que exista uma circulação da polícia militar ali naquele local, é difícil de ver a polícia ali. Então como o pessoal já gosta de tomar uma bira²⁴, já faz uma fumaça, já gosta de gritar... se esse Evento fosse na Praça Saldanha Marinho²⁵ não ia acontecer isso, a gente

²⁴ Cerveja.

²⁵ A Praça Saldanha Marinho é a Praça mais central da cidade, é o ponto de maior circulação de pessoas da cidade. Todas as linhas de ônibus que se dirigem ao centro da cidade têm paradas próximas do local em um raio não superior a 150 metros. A praça também é local de início do Calçadão da cidade de Santa Maria. Além disso, a praça é a única no centro da cidade que conta com infraestrutura de banheiros, constante movimentação da Guarda Municipal e Brigada Militar.

seria privado de várias coisas que a gente faz na praça. (Fragmento de entrevista, Homem, 22, apresentador, *grafiteiro, bboy, MC*)

A Praça dos Bombeiros ela já era local habitado pela juventude. Por não sei qual motivo, entendeu, sempre foi. De vários estilos, também, do rock, do *Hip Hop*, sabe de qualquer estilo, sempre habitou ali. Então sempre era um ponto de concentração de beberem as suas biras antes das festas, antes de irem pro DCE²⁶. Quando tinha DCE, todo mundo ia pra Praça dos Bombeiros pra tomar suas biras antes, pra ir pro DCE, pra ir pra não sei onde e tal. Então por ser um hall de concentração, o *Hip Hop* também se concentrava lá, tu entendeu. E daí teve esse dia que teve uma roda de *Freestyle* com vários, teve violão um monte de coisa e que a partir disso o Nei d'Ogum, que uma vez conversando com o Vico diz que ele falou “ai porque vocês não fazem uma Batalha de rimas”. Daí o Vico botou em ação. Pesquisou e tudo mais, daí ele buscou e botou em ação essa Batalha, foi por causa desse motivo que foi escolhido ali. Porque a primeira roda foi ali. Então depois tá vai continuar no mesmo lugar. Então continuou a Batalha dos Bombeiros por ser na Praça dos Bombeiros. (Fragmento de entrevista, Mulher, 23, apresentadora, *beatbox, MC*)

4.4 Organização das batalhas de Freestyle no Evento Batalha dos Bombeiros

A Batalha dos Bombeiros é realizada na Praça dos Bombeiros que congrega espaço amplo – com cerca de seis mil metros quadrados – e arborizado. Tanto é sombreada durante o dia quanto bem iluminada à noite, favorecendo o trânsito de pessoas e a permanência no local, estimulado também pelas linhas de ônibus que há nos seus arredores. Congrega, ainda, bancos de concreto e de madeira – alguns com problemas de manutenção –, lixeiras, uma área cercada com equipamentos, como escorregadores, gangorras, entre outros, destinada às crianças, e outra com aparelhos destinados à prática de exercícios físicos.

O horário de início é 20 horas (exceto horário de verão quando inicia às 20h30min ou 21h). Este horário se configura num marcador de “dirigir-se a Praça” sendo que as batalhas de *Freestyle* iniciam cerca de uma hora e meia após esse horário, pois neste momento já foram realizadas as inscrições dos *MC's* e há uma boa presença de público. Após a culminância, que consiste na batalha entre os *MC's*, há dispersão da roda em torno da Batalha cronometrada e organizada em forma de torneio, mas algumas pessoas, em pequenos grupos, fazem *Freestyle* acompanhados de *beatbox*, apenas “pra fazer uma rima com os irmãos”. Antes das disputas de *Freestyle* entre *MC's*, na maioria das vezes os organizadores trazem um pequeno equipamento

²⁶ Diretório Central dos Estudantes da Universidade Federal de Santa Maria, em que até o ano de 2013 operava uma casa noturna conhecida por “Boate do DCE” todas as sextas-feiras. Consistia em um local, chamado de *underground*, onde se concentravam estilos musicais não contemplados na cidade, especialmente o rock. Dividida em dois espaços, no primeiro (maior) predominava o rock (discotecagem e som mecânico) e no segundo (menor) havia apresentações de bandas ao vivo, realização de saraus literários (iniciavam mais cedo na noite), e na discotecagem tocava *soul*, MPB, *Blues*, *Jazz*, *reggae*, *rap*, *Black music*. Os preços das bebidas eram praticados de maneira não exagerada, e os ingressos eram livres para estudantes e custavam cinco reais para não estudantes. A casa foi interditada pela Prefeitura Municipal de Santa Maria à pedido do Ministério Público Federal no início de 2013. Ver em: <http://www.correiodopovo.com.br/Noticias/?Noticia=483538>

de som e computador portátil por meio do qual veiculam músicas ligadas à produção cultural da periferia como *rap*, *funk* e samba. Esse equipamento de som não é utilizado durante as disputas de *Freestyle*, ou seja, nas batalhas.

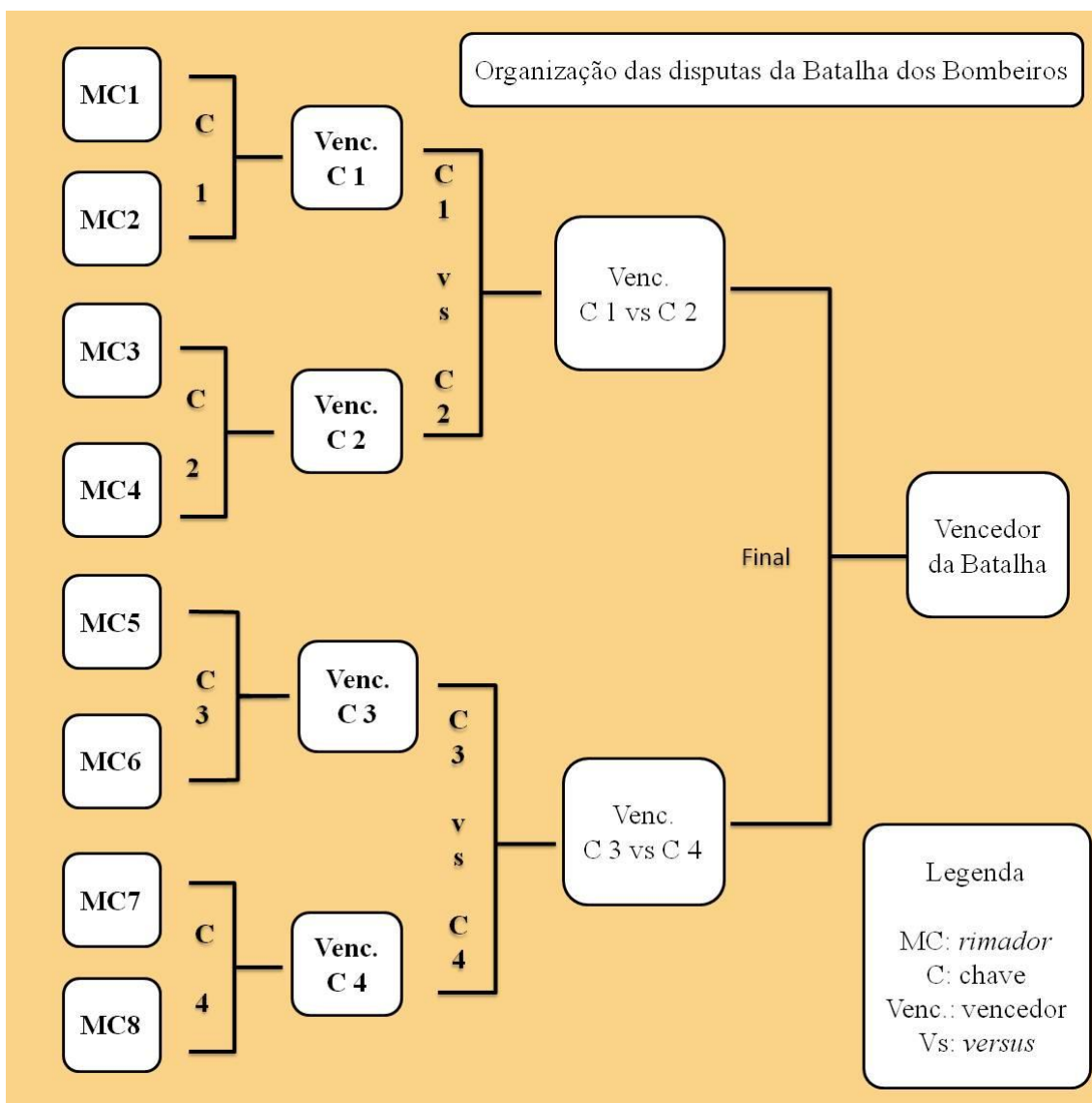
“– Aê galera, chega mais, vai começar a Batalha!” Essa frase marca o convite para os frequentadores²⁷ da Praça e, por conseguinte, participantes do Evento Batalha dos Bombeiros se aproximarem do ponto central da praça onde ocorrerão os duelos de *rap Freestyle*.

A organização do Evento é realizada pelos membros do CORAP, que realizam as inscrições dos interessados em participar das batalhas de *rap*, o sorteio e a organização dos duelos. Além dos *MC's*, os participantes que se interessam em fazer *beatbox* se inscrevem. Ao *beatbox* cabe a tarefa de fazer a base para que os *MC's* possam “mandar” sua rima durante a batalha. Além do organizador, que realiza o sorteio e anuncia os *MC's* para realizarem a disputa, há um membro do CORAP responsável pelo cronômetro, que deve avisar quando o tempo acaba e o *beatbox* para de fazer a base. O Evento contava em formato inicial com 8 inscritos. A última edição de 2015 teve 14 inscritos. A edição de aniversário, de quatro anos (48ª edição), realizada em 09 de setembro de 2016, contou com 22 inscritos para as disputas. Em todas as edições, devido à demanda, há necessidade de flexibilizar o número de inscritos para que todos que têm interesse possam participar.

Na figura abaixo, podemos ver como ocorre a organização das disputas:

²⁷ São sujeitos que frequentam a praça em dia de Batalha dos Bombeiros, principalmente por causa do movimento, para ver os amigos, chegados, mas não necessariamente vêm à praça para acompanhar as disputas entre *MC's* que acontecem.

Figura 2 – Organização das chaves e rodadas de disputa da batalha.



(Elaborada pelo autor).

A definição de quem compõe cada chave é definida por sorteio: os nomes dos *MC*'s são anotados em bilhetes e depositados dentro de um boné de onde são retirados e anunciados compondo cada chave. Ao terminar o sorteio o mediador das batalhas anuncia quem vai fazer o *beat* (base), e a definição de quem inicia é realizada por meio de disputa de “par X ímpar”. Quem vence essa disputa escolhe se começa a batalha ou determina que o adversário inicie.

O *beatbox* assume o papel do *DJ* que faz as bases em apresentações e *shows*. Ele deve fazer o mesmo *beat* para os dois *MC*'s, criando condições de igualdade de disputa. O responsável pelo cronômetro anuncia o início e o final do tempo para que o *beatbox* pare de fazer a base. Mesmo que o tempo tenha terminado o *rapper* pode concluir a rima (desde que não se alongue, às vezes é apenas finalizar uma frase ou concluir a ideia).

Cada *MC* tem 80 segundos (1 minuto e 20 segundos) para realizar sua rima. Esse tempo é dividido em duas rodadas de 40 segundos cada, ou seja, a título de exemplo: *MC 1* faz a rima por 40 segundos e para, *MC 2* faz a rima por 40 segundos e para, após a continuidade se dá na mesma ordem que iniciaram, isto é, *MC 1* tem mais 40 segundos e *MC 2* tem mais 40 segundos. Após o final dessas duas rodadas totalizando os 80 segundos de cada *MC*, encerra-se a disputa da chave.

Após o encerramento da disputa da chave, o público presente é convidado a aplaudir o *MC* que apresentou melhor desempenho. O organizador solicita que os participantes “façam barulho” para cada *MC* que se apresentou, anunciando-os na ordem em que se apresentaram. O *MC* que obteve uma explosão de aplauso e barulho maior é considerado vencedor. Caso não seja possível identificar quem foi o vencedor, é realizada a “terceira” que consiste em mais uma disputa de 40 segundos para cada *MC*.

O formato de organização sofreu alterações, segundo os organizadores, voltando ao formato que já havia sido realizado. Ocorre da seguinte maneira: o *MC* que inicia a chave faz o fechamento, ou seja, o *MC 1* rima por 40 segundos, o *MC 2* responde por 40 segundos, na continuidade o *MC 2* rima novamente por 40 segundos e o *MC 1* fecha a chave rimando por 40 segundos. Após a chave, o público é consultado para avaliar e julgar as rimas definindo um vencedor.

Os critérios para aplaudir o melhor *MC* da disputa são livres, no entanto os organizadores solicitam que não sejam realizadas torcidas individuais, mas que haja uma avaliação do desempenho, da articulação das rimas, da capacidade de improviso e evidentemente uma rima que não consolide ou dissemine preconceitos ou discursos opressivos. Portanto, trata-se de uma Batalha formatada com prioridade ao conhecimento, em narrativas cotidianas, ou seja, centradas nas experiências dos sujeitos que participam das disputas. Chegamos a essa síntese sobre o formato da Batalha dos Bombeiros a partir das observações e da convivência (por mais insipiente que fosse) com os membros do CORAP e participantes da Batalha.

Ao vencedor é destinado um prêmio que pode ser um troféu físico elaborado pelos colaboradores do CORAP (pessoas que não participam do coletivo, mas que apoiam os

Eventos e ações desenvolvidas), ingressos para Evento, camiseta ou até mesmo um *beat* (base) para a gravação de uma música em estúdio. Portanto, vencer a batalha não é apenas colocar o nome no topo do Evento, muito, além disso, é participar da construção de um movimento cultural. Demonstra que a rima realizada apresentou conteúdo e conhecimento.

Os interlocutores e a interlocutora explicam a importância de realizar a Batalha dos Bombeiros sem a utilização de microfones e de equipamentos de som, ou seja, as rimas são cantadas a plenos pulmões, bem como o *beat* produzido pelo *Beatbox*. A utilização de microfone não é vista com bons olhos, pois, apesar de ampliar o alcance da voz, não garante que a mensagem e a ideia contidas na rima sejam realmente ouvidas e apreciadas. Ademais, o uso do microfone além da dispersão pode deixar algumas pessoas levemente agitadas, possivelmente em virtude da ampliação do som e como consequência as pessoas também elevam o tom de voz para conversar e interagir com os seus chegados.

Eu notei que quando não tinha *mic*.²⁸ lotava, sabe lotava mesmo a roda. E com *mic*. até lota só que dá muita confusão, não dá treta, mas dá muito afobamento, Fulano quer falar no microfone, Ciclano quer rimar também, e as pessoas, os *MC*'s tem que ver que o bagulho é tipo: tem que se inscrever, tem que seguir a ordem, não é assim chegar e pá... E daí acontece muito disso, muito redemoinho ali e tal, mas a gente está conseguindo controlar a galera (risos). (Fragmento de entrevista, Homem, 29, apresentador, *beatbox*, *MC*)

Porque tipo *ahh*, tu vai colocar um microfone dispersa... Então a maioria da galera que vai tá aí: “To ouvindo dali não vô ta ali” (perto). Aí já perde força na hora do *gritado*. Na hora do *gritado* pro cara. Dois, três grito ali e o resto tá disperso. A ideia era sem microfone pra galera se aproximar e ouvir o que tá falando. Então, até hoje teve umas duas edições com microfone, mas a ideia tinha sido essa de aproximar a galera de fazer a galera ta ouvindo ali e interagindo com o *MC* que ta ali fazendo a rima. (Fragmento de entrevista, Homem, 24, ex- membro, *MC*)

Há, portanto, consenso de que o uso de equipamentos como o microfone não são adequados quando a ideia é escutar o próximo, pois a dispersão e a agitação decorrentes da ampliação do som descaracterizam a originalidade da Batalha dos Bombeiros, além de não propiciar possibilidades de escutar de fato a mensagem que o outro tem para passar. Nas palavras da interlocutora:

Começamos a pensar também que quem quer escutar a rima do outro, quem quer escutar o pensamento do outro vai ficar quietinho ali na roda. Quem não quer tem a liberdade de passar pela praça e sentar não sei aonde. Por isso que ela é à capela, para que a gente pare um pouco de se atropelar nas falas e escute a ideia que o outro quer passar. Por que com o equipamento de som que a gente já teve testes, na Praça dos Bombeiros, da gente colocar o equipamento, ele é bom, ele faz com que as pessoas escutem mais a tua ideia, mas também afasta as pessoas, porque daí como é

²⁸ Mic. (lê-se “*maike*”) abreviação usada para se referir ao microfone.

muito alto amplia tua voz, tu também não tem a obrigação de ficar perto, de trocar a energia, “porque está alto eu posso ir sentar lá que eu ainda vou escutar a rima do outro”. Então essa é a proposta de ser à capela para que a gente escutasse o outro. Para que fosse um Evento que a gente mantivesse a essência lá dos tempos do início do *Hip Hop*, já tinha equipamentos de som óbvio, mas muitas coisas aconteciam assim na rua, no momento, no encontro, na troca de ideias, na troca ali, como o “B”²⁹ falou, de às vezes tu estar angustiado, de estar com vários problemas, várias coisas na tua vida e o momento que tu está numa roda de rima ali, ou fazendo um *beat*, ou fazendo uma rima, ou batendo uma palma ou só ouvindo tu acaba se empoderando, te distraíndo também dos teus problemas pessoais, podendo falar, podendo reivindicar, te dá voz tá ali, sabe. E é assim que a gente enxerga a Batalha dos Bombeiros, de empoderamento, né, a própria cidade, o governo reconhece isso só que ele não reconhece isso pra nós, mas eles sabem da nossa existência (Fragmento de entrevista, Mulher, 23, apresentadora, *beatbox*, MC)

Como em diversas aglomerações de jovens voltadas ao divertimento³⁰, há consumo de cervejas e outras bebidas alcoólicas por parte de algumas pessoas. Como não há comercialização de bebidas no Evento, estas são adquiridas em bares localizados nas imediações da Praça ou trazidas de casa dentro das mochilas, enroladas em jornais e dentro de sacolas plásticas. Cabe lembrar que o consumo de bebidas alcoólicas em locais públicos não é crime. Por se tratar de um local aberto não há restrição ao cigarro. O baseado, elaborado com maconha³¹, é partilhado em grupinhos de amigos que se reúnem, formando pequenas rodas para “fumar um *beck*”³².

Alguns participantes se apropriam do espaço da Praça para andar de *skate* nas noites de Batalha. As rampas destinadas à acessibilidade e as escadas presentes na Praça são utilizadas para realizar manobras e explorar as possibilidades do *skate*. Há edições do Evento em que há torneio de manobras de skate, realizado nas escadas e nos corrimões, conhecido por *Best Trick da Escadinha* (já ocorreram 4 edições, juntamente com a Batalha dos Bombeiros). A Bicicleta (*bike*) também é um equipamento que aparece na praça, porém em menor expressividade do que o *skate*.

Nas sextas-feiras em que há Batalha dos Bombeiros, circulam pela Praça entre 150 e 200 pessoas (trataremos como pessoas de maneira geral, mas tratam-se – em torno de 95% - de jovens, essa estimativa é fruto de nossa observação) interessadas em algo que cerca o “clima” da Praça, seu entorno e a Batalha em si, ou seja, “vai ter Batalha, então é pra lá que a

²⁹ Menção do nome do interlocutor Homem, 22, apresentador, *grafiteiro*, *bboy*, *MC*, que foi substituído com intenção de preservar a privacidade e identidade deste.

³⁰ A relação entre divertimento e consumo de bebidas alcoólicas requer uma reflexão mais aprofundada e não temos pretensão de realizá-lo neste momento.

³¹ Não temos pretensão de entrar no tema da descriminalização das drogas. Entendemos que há necessidade de um debate aprofundado sobre o tema a ser tratado nas esferas da Saúde, da Educação, da Sociologia, da Segurança Pública, de forma madura, sem demagogias, superficialidades, oportunismos e discursos de ódio. Demanda apropriação teórica para discutir um tema de tamanha complexidade.

³² Derivação para designar o baseado.

gente vai”. Aproximadamente metade destes se reúne em torno da roda onde ocorre a disputa no momento das Batalhas. Em síntese, há um fluxo de parte da juventude da cidade que se identifica com o Movimento *Hip Hop* que se dirige à Praça, pois lá encontraram outras pessoas, outros jovens, que se identificam por esse interesse em comum, qual seja, o Movimento *Hip Hop*.

Não apenas a disputa entre *MC's* interessa, mas participar de um Evento na praça. O mesmo ocorre em outros locais destinados à aglomeração de jovens, onde há outro modo de elaboração cultural, que são acessados por pessoas que se identificam com essa cultura, por exemplo, locais destinados ao rock, ao sertanejo, ao samba e outros³³, que aglutinam diferentes identidades culturais destinados ou criados pela juventude. O contexto construído na Praça no dia do Evento é convidativo a chegar e permanecer no local.

O fato de transitar entre os sujeitos que vêm para a Praça faz de você um interessado em algo relacionado à Batalha dos Bombeiros, seja para “colar e curtir um rap”, “tomar uma *bira*” (cerveja), “somar com a galera”, “trocar uma ideia”, “dar um role” ou “ver os camaradas”. Em suma, a juventude acessa a Praça por motivos que lhes são tocantes na sua construção enquanto sujeitos que buscam sociabilidade e convivência com seus pares. Essa observação foi ilustrada de maneira bastante pertinente pelos interlocutores:

E o negócio tomou proporções que a gente nem imaginava, eu acredito, sabe, porque ah a gente fazia pra rima e os rimador que a gente conhecia era tudo os mesmos. Só que o negócio foi crescendo, e começou a mudar mano. O que era 8 MC já não dava mais conta, já tinha que ser 16, já teve edições que teve 24 caras rimando. E foi evoluindo as caras foram mudando. Porque mudou tudo, tu chega lá é só gurizada nova, só gente nova, que escutaram outras Batalhas e que viram, tinha louco que: “*bah* esse cara ta mais ruim que eu na rima e tá inscrevendo, porque eu não to me inscrevendo”. Na próxima Batalha ele estava inscrito, rimando e até levando troféu. (Fragmento de entrevista, Homem, 24, ex- membro, *MC*)

Se não tivesse surgido acho que a cena em Santa Maria não teria alavancado e não teria aguçado dentro das pessoas o *Hip Hop*, fazer *Hip Hop*, ou fazer festa, ou fazer rima, ou fazer uma rodinha na esquina fazendo *beatbox*, e palma e rima. Eu acho que a batalha é um pilar de Santa Maria, onde ela dá oportunidade de mostrar teu talento e no mesmo momento tu ser ouvido. As pessoas pararem pra te ouvir, porque na real a sociedade ela não te dá oportunidade de ser ouvido. E daí tem muitas pessoas que acabam procurando outros caminhos, que nós não somos ninguém pra julgar. Então a Batalha ela não tem como tu determinar o que é a Batalha dos Bombeiros. A Batalha dos Bombeiros pode ser uma realização pra mim, pode ser quebra de algemas pra “A³⁴”, pode ser uma diversão pra ti, pode ser uma realização pra outro, sabe, ela aguça muitos sentimentos verdadeiro nas pessoas e eu acho que

³³ Citamos apenas estilos musicais como exemplo, no entanto entendemos que a produção cultural humana não se limita a essas expressões, mas ocorre a partir da produção do modo de vida, das relações entre sujeitos e o contexto em que vivem.

³⁴ Menção do nome da interlocutora Mulher, 23, apresentadora, *beatbox*, *MC*, que foi substituído com intenção de preservar a privacidade e identidade desta.

isso só tende a aumentar. (Fragmento de entrevista, Homem, 22, apresentador, *grafiteiro, bboy, MC*)

Um aspecto notório consiste no fato de que apesar do público ser bastante heterogêneo, com proporções semelhantes de homens e mulheres presentes na praça, isso não se reflete nas inscrições de *MC's* para participar das batalhas. Esse espaço é predominantemente constituído por homens, havendo, no entanto, mulheres que participam das disputas de *Freestyle*. A presença das mulheres está mais localizada na construção do CORAP, na organização das Batalhas e no fazer *Beatbox*. Apesar da participação intensa nos aspectos citados, há poucas mulheres *MC's*; isso é perceptível nas disputas de *Freestyle*, dominadas pelo público masculino. O interlocutor contempla sobre o exposto com a seguinte fala:

Além do que, a Batalha, como a gente nota também, não da pra deixar de falar, que a cultura *Hip Hop* é tomada densamente pela parte masculina, mas hoje em dia, já há um bom tempo em Santa Maria a gente nota que a força feminina tem tomado muito a cena. Há várias mulheres rimando, várias minas novas que se identificam como mulher independente da idade, pelas correrias e demandas pessoais, vivências em si. Elas têm também se apropriado dessa cultura que é delas. Têm ido pra frente, têm feito acontecer, feito o pessoal parar, pra ouvir a galera que tem preconceito muito grande contra as mulheres estarem na cena, as minas fazem a galera parar pra ouvir, mesmo, se a pessoa vai se agradar ou não, daí é com a pessoa, é pessoal, isso não é coletivo. Outra parada que acontece também, é do pessoal se sentir, da parte masculina, se sentir menos, de ver a mulherada rimando, e é uma coisa que eu, enquanto ser humano, cidadão, bah, eu acho uma reação muito forte das mulheres rimando, porque além de que a figura feminina ali é a visão de cada uma, do que passa, do que sente, do preconceito, sabe, então eu acho muito importante isso das mulheres estarem no Hip Hop. (Fragmento de entrevista, Homem, 22, apresentador, *grafiteiro, bboy, MC*)

As batalhas são divulgadas no convite de Evento elaborado e disponibilizado pela página do CORAP, em sua conta de rede social³⁵. Nesse convite de Evento é realizada uma descrição sobre o Evento que pode envolver uma temática de grande relevância e interesse social. Como exemplo, a edição de novembro de 2015 teve como título “Negr@s na luta, no sangue e na cor” e como tema a Consciência Negra (Anexo A) em referência às lutas contra o racismo e contra o extermínio da juventude negra³⁶, pela valorização da cultura do povo negro. A edição de junho de 2016 teve como título “No campo e na cidade tem Mina na

³⁵ A rede social em questão é o *facebook*, de grande alcance e repercussão em praticamente todas as construções identitárias de juventude. A página do CORAP é encontrada no seguinte sítio: <https://www.facebook.com/corapsm>

³⁶ Ver mais em: <https://anistia.org.br/campanhas/jovemnegro vivo/> e <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/violencia-brasil-mata-82-jovens-por-dia-5716.html>

Batalha” sendo o tema o dia Internacional da Mulher Negra, Latino-americana e Caribenha (Anexo B).

A maioria dos frequentadores da Batalha dos Bombeiros acessa a Praça por meio do transporte público. No entanto, poucas são as linhas que acessam as ruas que tangenciam a Praça. Há necessidade de realizar um trecho de cerca de um quilômetro a pé, considerando as principais paradas da região central da cidade, a exemplo as paradas localizadas na Avenida Presidente Vargas (a continuidade da via é denominada Rua José Bonifácio), Rua Riachuelo, e Avenida Rio Branco (“Paradão da Rio Branco”).

Há também frequentadores que acessam o local vindo a pé desde seu bairro, chegando a caminhar 5 quilômetros para acessar a Praça. Esse fato foi ilustrado em algumas das rimas cuja menção “Expresso Canelinha” refere-se à forma de deslocamento do sujeito para participar da Batalha. O fato é ilustrado pelo interlocutor, quando questionado sobre o porquê das pessoas deslocarem-se de lugares distantes, mesmo com a dificuldade do transporte público nas noites de finais de semana para acessar um Evento na Praça no centro da cidade. Para a situação o interlocutor acena:

Te dizer que a maioria vai a pé mano. Tem muito mano que vai a pé no bagulho. Bah acho que se não for o *rap*, se não for o *Hip Hop*, eu não sei te responder [...] Eu acho que também pelo calor que ela proporciona, todo mundo coladinho um no outro assim um por cima do outro, ouvir o que o cara ta rimando lá, acho que isso fortalece bastante. Talvez na hora o cara nem dê esse valor, mas se tu fizer de outra forma que não seja assim o cara não vai sentir a mesma energia que sente. (Fragmento de entrevista, Homem, 24, ex-membro, *MC*).

Os participantes são de maneira geral oriundos da classe trabalhadora, residentes dos bairros da periferia da cidade de Santa Maria. Há um contingente expressivo de sujeitos oriundos da Zona Oeste, fato este muito exaltado nas rimas durante as Batalhas e nas rodas de conversa. A referência é feita principalmente aos Bairros Tancredo Neves, Nova Santa Marta e Pinheiro Machado, Vila Lidia, Pôr do Sol, Núcleo Central. Além disso, os interlocutores apontam que há grande reconhecimento dos sujeitos dos outros locais da cidade para a importância da Zona Oeste na cena do Movimento *Hip Hop*:

O cara brinca até que na ZO³⁷ a terra é fértil pra *MC* (risos) (Fragmento de entrevista, Homem, 24, ex-membro, *MC*)

Porque ali vai o pessoal da Zona Oeste, que é uma grande massa de artistas, que qualquer lado da cidade admite ainda, vê a Zona Oeste como uma potência de artistas. (Fragmento de entrevista, Homem, 22, apresentador, *grafiteiro*, *bboy*, *MC*)

³⁷ Zona Oeste.

A partir dos diálogos estabelecidos durante a observação participante, destacamos alguns trechos que julgamos pertinentes, pois marcaram significativamente. Trata-se de partes de conversas entre organizador (Org.) realizando inscrições e protagonista *Beatbox*:

Org.: “E aí, vamos fazer um *Beat* hoje?”.

Beatbox: “*Bah*³⁸!! Hoje a ideia era ficar meio de canto, tomando uma *bira* e ouvindo a ideia da galera nas rimas”.

Org.: “Mas e se faltar, rola de dar uma mão? Posso te chamar? Porque tem poucos inscritos pra fazer *Beat*”.

Beatbox: “Pode crê! Claro que dou uma mão, vô tá aí na volta”.

Entre pesquisador (Diego) e protagonista *MC*:

Diego: “Daí, nas disputas o que é melhor pra quem está rimando, começar ou fechar a disputa?”.

MC: “Bahh!! Com certeza fechar, porque tu pega uma ideia já encaminhada e pode observar a galera, se desenvolver bem pode ganhar no calor do momento, aproveitando essa levada que a galera já tá, também o nervoso de começar já passou”.

Entre protagonistas *MC*'s, aos risos, quando estávamos presente durante a conversa:

MC1: “Daí fulano, vai se inscrever hoje?”

MC2: “Ei, hoje vai ser tenso, ainda to avaliando...”

MC1: “Bah, já me inscrevi, falta a inspiração chegar, porque a galera ta afiada”

MC2: “Pois é, eu acho que vou ficar meio de canto só tomando uma ceva e me ligar nas ideias, porque não to com as ideias no lugar hoje pra rimar”.

MC1: “Pode crê, faz parte, às vezes acontece”.

Esses fragmentos mostram que a participação nas disputas de rima é levada com muita seriedade pelos participantes, protagonistas e organizadores. A seriedade e o empenho também podem ser identificados na persistência, no crescimento do Evento e no envolvimento das pessoas, ou seja, faz parte da história e trajetória do CORAP.

A Batalha dos Bombeiros apresenta uma complexidade não necessariamente explícita. Representa uma cisão com paradigmas, problemas sociais, ao mesmo tempo em que inaugura

³⁸ Interjeição de admiração, pode ter varias conotações

uma comunhão com o que é intrínseco à vida social, ou seja, ela questiona e, em grande medida, derruba barreiras geradas pelos estereótipos, pela violência, culminando em um momento de celebração da convivência social, da tolerância e do respeito. Portanto, os sentidos para quem está na roda de rima, apresentando, rimando, fazendo *beatbox*, ou apenas curtindo, são diversos:

às vezes as energias negativas que as pessoas trazem, ou por uma treta antiga ou por alguma coisa, elas vão se quebrando com a convivência. (Fragmento de entrevista, Mulher, 23, apresentadora, *beatbox*, MC)

A gente acha que diminuiu bastante briga entre os caras. Porque tinha muito de “eu não fecho com os caras de tal banda” e o cara fazendo um Evento lá, levando MC daqui mudou bastante sabe. (Fragmento de entrevista, Homem, 24, ex-membro, MC)

É importante a Batalha dos Bombeiros e ter Hip Hop na Pracinha essas coisas e tal, mas especificamente a Batalha é importante pra unir as quebradas. Porque na Batalha dos Bombeiros vai tudo que é quebrada. Zona Sul, Zona Oeste, Zona Norte, Zona Leste. E tipo as pessoas indo na Batalha dos Bombeiros as pessoas, tipo, aprendem a conviver, as bandas que não se dão aprendem a conviver, aprende a resolver as suas tretas na rima. (Fragmento de entrevista, Homem, 29, apresentador, *beatbox*, MC)

Hoje em dia eu já tenho uma facilidade para poder apresentar, isso que não é fácil controlar aquela galera, e nós que somos de religião, a gente nota muito a questão das energias, porque a roda faz parte da religião, a roda é a roda da vida, é o giro, é a transição, então isso traz muito valor, pode ser que para alguém aquela roda não faça sentido, mas pra nós ela tem um sentido a mais do que a roda da confraternização. (Fragmento de entrevista, Homem, 22, apresentador, *grafiteiro*, *bboy*, MC)

4.5 Ocupação do espaço público como direito social para a liberdade criativa

Na cidade de Santa Maria os locais que são destinados para e apropriados pela população para o Lazer apresentam nuances que flertam entre o pitoresco, o descolado, o deslumbrante, o nostálgico, o bucólico, o urbano, o moderno e o “à moda antiga”. De lugares simples a sofisticados. Praças, largos, locais como os complexos esportivos mantidos pela Prefeitura Municipal. Locais privados simples a sofisticados. Portanto, numa mescla interessante de distintas situações e momentos, a cidade de Santa Maria apresenta-se de forma a propiciar espaços livres e gratuitos e outros destinados à aglomeração na qual há distinção de acesso, ou seja, alguns estabelecimentos com preços módicos, outros que selecionam propositalmente seu público praticando preços elevados.

No entanto, essa disponibilidade de espaços e estabelecimentos privados com custos variáveis (alguns elevados) para o acesso permite que se faça distinção de quem frequentará o

local. Assim, frequentadores são “filtrados”, permitindo o acesso de quem tem poder aquisitivo razoável. Portanto, locais que se apresentam como sofisticados e com espetáculos mais atraentes são mais caros e conseqüentemente são os mais visados.

O nexó da diversão é estar nos locais que mexem com as emoções, que propiciem identificação e “onde a galera se encontra”, no entanto barreiras financeiras e físicas muitas vezes excluem a maioria da população. Para muitos, resta a frente dos estabelecimentos, as ruas das proximidades, os botecos e as distribuidoras de bebidas que comercializam bebidas pela janela. Parece que as únicas alternativas de Lazer são as inerentes ao comércio desenvolvido em casas noturnas e bares. Elucida Mascarenhas (2005) que há uma coerção que nos leva a acreditar que não há alternativas fora do mercado:

Ao tempo em que o mercado se torna o lugar comum das práticas de Lazer e ao tempo também em que a indústria cultural globalizada – particularmente, a grande indústria do Lazer – se encarrega de dizer qual é o bom e o melhor Lazer, fica parecendo que nada mais é possível fora do “mercoLazer”, que não há alternativas que valham a pena considerar. (MASCARENHAS, 2005, p. 157).

Portanto, a necessidade de estar nos espaços públicos vai além apenas de chegar e permanecer neles como figurantes, trata-se de uma necessidade de socialização e celebração do Lazer contraproduzindo o divertimento e os momentos de Lazer, dessa forma sendo geralmente os participantes os próprios protagonistas do Lazer e da cultura. Assim, as resistências do Lazer andam em paralelo com as resistências culturais.

O interlocutor sinaliza que um dia em que houve atraso dos membros do CORAP os frequentadores do Evento já haviam cogitado iniciar a Batalha sem a presença dos membros do Coletivo, tamanha a importância, o interesse e a necessidade do Evento para os frequentadores.

[...] como a “A” falou, se a gente não tivesse chegado naquele dia teria rolado, a galera ia fazer sem nós, mas a semente já ta plantada, era isso que a gente queria deixar. (Fragmento de entrevista, Homem, 22, apresentador, *grafiteiro*, *bboy*, *MC*)

Em síntese, os atores sociais que participam das ocupações de espaços públicos têm mostrado alternativas fora dos estabelecimentos comerciais de Lazer. Mascarenhas (2005, p. 157) ao abordar o tema de alternativas de Lazer ao predominante Lazer mercadoria adverte que “se entendemos a utopia não no sentido de algo irrealizável, mas de objetivos que sintetizam uma vontade coletiva cuja realização não se pode precisar no tempo, sim, podemos

dizer que tal projeto é realmente utópico”. Portanto, o Lazer na ocupação de espaços públicos apresenta objetivos sintetizados em e a partir de uma vontade coletiva.

A proximidade com o campo de pesquisa e com a mídia impressa e online (Diário de Santa Maria) permitiu aguçar o olhar e visualizar ações recentes³⁹ que ocorrem na cidade em torno de espaços públicos.

Várias ações têm acontecido em paralelo e em consonância com os ideais do CORAP. A organização de outros coletivos que tratam da questão dos espaços públicos tem sido uma realidade, a exemplo do Resistência Urbana⁴⁰, que procura denunciar e lutar contra a precarização dos espaços públicos da cidade de Santa Maria. Além disso, o Coletivo organiza Eventos denominados “Cidade Cultura Pra Quem?⁴¹”, nos quais são discutidas e construídas ações para lutar contra a deterioração de espaços públicos, alternativas para a cultura e o Lazer, além de apresentações de grupos e artistas da cena local.

Outro aspecto interessante é a realização de Eventos de *Rap Freestyle* que apresentam outros elementos importantes para a celebração do Lazer e a ocupação dos espaços públicos, onde destacamos a Primeira Batalha das Quadras⁴² (novembro de 2016), realizada nas quadras do Parque Itaimbé e contou com torneio de basquete, batalha de *rap* e muro para *grafitti*.

Destacamos a realização da Primeira Batalha da Ousadia⁴³ (fevereiro de 2017), realizada no Largo da Locomotiva, na Avenida Presidente Vargas, organizada por mulheres e para as mulheres, com o objetivo de denunciar o machismo e as suas interfaces inclusive o *Rap*. Durante o Evento foi realizada uma batalha de *rap* em que apenas mulheres, mulheres transexuais e travestis puderam se inscrever. Houve intervenções artísticas de mulheres da cena local do Movimento *Hip Hop*.

Outro Evento é a Primeira Batalha do Ita⁴⁴ (fevereiro de 2017), que promete acontecer todo último domingo do mês, ao final da tarde, sem adentrar muito a noite, com intuito de facilitar o acesso dos frequentadores.

Além disso, ocorrem eventos, especialmente na Gare (Antiga Estação Férrea de Santa Maria), localizada ao final da Avenida Rio Branco, com festividades e shows com entrada gratuita, eventos estes que contam com estruturas de som suficiente para atrair públicos maiores.

³⁹ Sobre estas ações não encontramos estudos ou pesquisas realizadas.

⁴⁰ Ver perfil em rede social para saber mais: https://www.facebook.com/pg/Resist%C3%Aancia-Urbana-1491763017713010/about/?ref=page_internal

⁴¹ Ver sobre o último em: <https://www.facebook.com/events/231572680576851/>

⁴² Ver sobre o Evento em: <https://www.facebook.com/events/1116089535152960/>, sobre o organizador ver em: <https://www.facebook.com/programabambata/>

⁴³ Ver mais sobre o Evento em: <https://www.facebook.com/events/231277217334013/>

⁴⁴ Ver mais sobre o Evento em: <https://www.facebook.com/events/1301400373232643/>

A Prefeitura Municipal tem proporcionado e organizado, anualmente, espetáculos na Praça Saldanha Marinho, principalmente no período do Natal. Além disso, ocorre anualmente na praça a Feira do Livro com diversas ações para envolver a população. Outro evento anual é o Carnaval de Rua, que ocorre fora de época com desfile de Escolas de Samba da cidade. Destacamos que nos anos de 2016 e 2017 a festividade não foi realizada por falta de recursos (públicos e privados).

Dentre outras apropriações de espaços públicos que ocorrem na cidade destacamos a organização de Feiras livres, *Bricks*, eventos gastronômicos em praças, eventos que prezam pela economia solidária e que ocorrem com regularidade ou esporadicamente, agregando um grande número de pessoas que acessam, fruem, em espaços abertos especialmente em praças e ruas. A maioria deste tipo de Evento é recente e agrega empreendedores familiares e locais que promovem a sua geração de renda a partir de intervenções e comercialização de mercadorias e produtos artesanais.

Estas peculiaridades conferidas ao Lazer e à ocupação dos espaços públicos na cidade de Santa Maria apresentam a emergência de uma necessidade social das pessoas de se organizarem fora dos espaços comerciais tradicionalmente delimitados pelas paredes físicas e financeiras de grandes lojas e marcas, centros comerciais, *shopping centers* e badaladas casas noturnas. Apresentam os resultados, mesmo que tardios, dos objetivos da utopia de Mascarenhas (2005), pois as resistências, ou o começo delas, não tracejaram planos para a eternidade.

Tendo papel importante na cidade, a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) através de sua Pró-Reitoria de Extensão, tem desenvolvido um Evento denominado “Viva o Campus”, o qual apresenta atividades diversas e ocorre durante o semestre letivo, em praticamente todos os domingos, com edições especiais durante o período de férias. Ademais, a cada ano a UFSM realiza em seu campus sede a Virada Cultural com apresentações e intervenções com acesso gratuito.

Evidente que foge à compreensão de todas as alternativas que ocorrem na cidade de Santa Maria. No entanto, é possível perceber que há um importante movimento no sentido de fortalecer espaços públicos para a circulação, fruição, comercialização solidária, portanto para a liberdade criativa.

Destacamos alguns exemplos de ocupações que não tratam diretamente do Movimento *Hip Hop* ou das intervenções do CORAP nos espaços públicos. Entretanto, cabe assinalar que as ocupações de espaços públicos não são exclusivas de uma entidade ou de um coletivo. Mas fazem parte da necessidade humana coletiva de se sentir contemplado com intervenções e

ações de convivência (sejam culturais, comerciais, de Lazer) na cidade, haja vista o crescente movimento de ações em torno das apropriações para fins diversos dos espaços outrora ociosos.

Essas ações não estão centralizadas em uma única pessoa, seja empreendedor, agente cultural ou personalidade com capacidade de liderar pessoas ou formadora de opinião pública. Antes, parte de ações comunitárias, grupos, coletivos ou instituições que promovem ações de intervenção no sentido de ressignificar os espaços ora relegados ao esquecimento e abandono. Consiste em ocupação dos espaços para a organização do Lazer em consonância com o protagonismo comunitário, o coletivo, o pertencimento e a representatividade social e cultural.

O Lazer, portanto, compreende diversas instâncias da organização da vida social numa dimensão imensurável de sentidos inerentes a cada indivíduo e/ou grupo social de que se sente parte. Segundo Gomes (2015, p. 366 - 367),

As manifestações culturais de Lazer são práticas sociais vivenciadas como fruição da cultura e são passíveis de conflitos, contradições e relações de poder. Elas detêm sentidos e significados únicos para as pessoas, para diferentes grupos sociais, para as instituições e para a sociedade que as vivencia social, histórica e culturalmente. Podem ser citados, como exemplos, festas, jogos, passeios, viagens, música, poesia, literatura, pintura, grafite, escultura, dança, expressões corporais, jogos e experiências eletrônicas e virtuais, fotografia, cinema, teatro, atividades comunitárias, feiras com possibilidades de interação social, esportes, festivais, e Eventos artísticos, diversas formas de educação popular locais, e assim por diante.

Em suma, consideramos importante mencionar as situações de que lembramos e que percebemos em franca ocorrência na cidade de Santa Maria. Evidente que há manifestações diversas que nossa parca percepção não consegue apreender e dimensionar.

GOMES (2015) enfatiza o papel da economia criativa e das indústrias culturais e criativas na fruição e consecução de momentos de Lazer, haja vista que podem potencializar o desenvolvimento econômico e social a partir de relações econômicas e sociais baseadas na produção criativa de bens e serviços culturais. No entanto, adverte que, apesar de incrementar valores significativos à economia nacional, boa parte dos serviços relacionados à economia criativa e as indústrias culturais mantêm-se alinhados com os ideais capitalistas neoliberais vigentes.

Logo, os espaços públicos são um canal importante para a criação e a consolidação de um modelo contra-hegemônico da economia criativa e das indústrias culturais criativas. Um modelo contra-hegemônico perpassa um olhar diferente para a cidade, como assinala Harvey (2011), objetivando-a como um lugar para as pessoas e as relações sociais que estabelecem

nesse espaço, de modo que a justiça social aconteça de fato. Essas relações também devem ser estendidas aos momentos de celebração e fruição do Lazer.

Não obstante, a trajetória do Movimento *Hip Hop*, manifestação originária das ruas, praças, esquinas e que exerce um papel de catalisador na ocupação dos espaços públicos, e sua representatividade ainda é criminalizada e sua manifestação invisibilizada. Ou seja, o papel que cumpre é fundamental, pois, além da construção cultural, é uma manifestação de resistência quando falamos em Lazer em espaços públicos, seja pela sua atuação na aglutinação de pessoas de diversas partes da cidade, seja na elaboração de conhecimento e defesa de pautas, seja no seu engajamento na oportunidade de dar voz:

Aquele momento ali que a Batalha acontece é um momento de que algumas, várias individualidades estão sendo quebradas sabe [...]. Então aquele momento ali é um brinde à rua. (Fragmento de entrevista, Homem, 22, apresentador, *grafiteiro, bboy, MC*)

5. Considerações finais

“A semente está plantada”. De fato a trajetória do CORAP na cidade de Santa Maria mostrou-se profícua. Por meio do Lazer, a trajetória de pessoas se cruza, estabelecem relações, tecem conhecimentos. O Movimento *Hip Hop*, por meio de seus protagonistas, promove e organiza um espaço de Lazer na cidade com viés educativo, solidário e de sociabilização. Demarca a importância da construção de alternativas em face ao Lazer mercadoria.

Os espaços públicos encontram-se disponíveis na cidade, em lugares cobiçados, centrais, ou longínquos e pouco atraentes (aparentemente). Alguns em funcionamento, conservados e ocupados pelas pessoas com ações e atividades. Outros cobertos de macegas e ocupados pelo ensurdecido silêncio do abandono. A ocupação é uma alternativa que ativa os lugares, imprimindo-lhes convívio e tornando-os parte da cidade e da vida comunitária.

Tentativas de esvaziar, deslegitimar e deteriorar os espaços públicos mostram seus tentáculos em contrapartida. Um dos antídotos para essas ações são as insurgências de resistência. As ocupações e ressignificações dos espaços públicos potencializam a cidade, os lugares e a população, podendo produzir um convívio humanizado de tolerância, respeito e diversidade na cidade. Em suma, ocupar os espaços públicos não se resume a uma ação física de mover-se em direção ao local, antes é um ato político.

Movidas pela nostalgia, pelos lugares e significação cultural, as subjetividades individuais materializam-se na ocupação coletiva dos espaços públicos. Ademais, trata-se de uma resistência ao poder devastador da especulação imobiliária, instalação de grandes empreendimentos comerciais que tem como uma das consequências o processo de gentrificação⁴⁵.

A trajetória do CORAP (e de outros movimentos que estão acontecendo na cidade de Santa Maria) sinaliza a urgência de vivificar os lugares públicos, realizar enfrentamentos políticos, ocupar e tomar iniciativas, mobilizar moradores das cercanias e bairros e/ou simplesmente fruir os espaços existentes.

Garantir a ocupação dos espaços públicos depende de fatores políticos, reivindicativos, culturais e sociais no sentido de criar intimidade com os lugares e, por conseguinte, lutar por

⁴⁵ Processo de “enobrecimento” de determinados locais urbanos, por meio de reformas, construção de novas edificações, instalação de equipamentos comerciais. Esse processo conseqüentemente eleva os custos de vida nestes locais afetando a população de menor renda. Para mais informações leia entrevista com David Harvey, disponível em: <http://www.canalibase.org.br/harvey-urbanizacao-incompleta-e-estrategia-do-capital/>

ampliação de oferta, qualificação permanente do existente, atuação de profissionais capacitados, divulgação das ações existentes e, fundamentalmente, diálogo constante com a população.

A pesquisa de campo explicita que as ocupações dos espaços públicos na cidade de Santa Maria são um caminho factível para a consolidação de um Lazer humanizado com ênfase na diversidade social e cultural de expressões, formas, vivências e experiências, desde que haja compreensão, sensibilidade e respeito à diversidade cultural.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, M. et al. **Gangues, Galeras, Chegados e Rappers: juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília.** 3ª Ed., Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- ANSCHAU, L. D. **O consumo da cultura: mídia e movimento hip-hop em Santa Maria.** Santa Maria: UFSM, 2002, v, 78, [9].
- AUGÉ, M. **Não Lugares: introdução a uma antropologia da sobremodernidade.** Tradução Miguel Serras Pereira, Lisboa: 90 Graus Editora, 2009.
- BOSI, A. Cultura brasileira e culturas brasileiras. In. BOSI, A. **Dialética da colonização.** São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p.308-345.
- BOSI, A. Plural, mas não caótico. In. BOSI, A. **Cultura Brasileira: Temas e Situações.** 3ª Ed. São Paulo: Editora Ática, 1999, p. 7 – 15.
- BRASIL, **Constituição da República Federativa do Brasil,** Brasília, Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 35ª ed.; 2012.
- BRUM, C. M., et. al. Caracterização dos Espaços Públicos de Lazer e a satisfação dos usuários na área central de Santa Maria – RS. **Rev. Elet. em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental,** v(10), nº 10, , jan. – abr. 2013, p. 2130-2139.
- CHAUÍ, M. S. **Convite à Filosofia.** São Paulo, Editora Ática, 2000.
- CHAUÍ, M. S. **Cultura e Democracia: o discurso competente e outras falas.** 7ª Ed. São Paulo: Cortez, 1997.
- CELLARD, A. A análise documental. In. POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos.** Petrópolis, Vozes, 3ª Ed. p. 295 – 316, 2012.
- DARONCH, B. et al. **Batalha dos Bombeiros: Experiências em Criminologia Cultural.** (Documentário) Disponibilizado em 23 de julho de 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=H-qnV_zbc4g> 13min34seg son. color. 2013.
- DAYRELL, J. Juventude, grupos de estilo e identidade. **Educação em Revista (UFMG),** Belo Horizonte, v. 30, n.1, 1999, p. 25-38.
- DAYRELL, J. O rap e o funk na socialização da juventude. **Educação e Pesquisa,** São Paulo, v. 28, n.01, 2002, p. 117-136.
- DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação,** Rio de Janeiro, v. 5/6, n.24, 2003, p. 40-52.
- DEBORD, G. **A Sociedade do Espetáculo,** E-book: disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/socespetaculo.pdf>>, 2003.
- DIÓGENES. G. **Cartografias da Cultura e da Violência: gangues, galeras e o movimento Hip Hop.** 2ª Ed. São Paulo: Annablume, 2008.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de Conteúdo**. 2ª Ed, Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

GOMES, C. L. Lazer, Economia Criativa e Indústrias Culturais e Criativas: Onde está o Social? **Revista Licere**: Belo Horizonte, v.17, n4, dez. 2015, p. 364 – 387.

GOMES, C. L. Lazer: necessidade humana e dimensão da cultura. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**. Belo Horizonte, v.1, n.1, jan./abr., 2014, p. 3 – 20.

HARVEY, D **O enigma do capital: e as crises do capitalismo**. Tradução de João Alexandre Peschanski. - São Paulo, SP: Boitempo, 2011.

MAGNANI, J. G. C. Festa no Pedaco: cultura popular e Lazer na cidade. In.: OLIVEIRA, P. S. (org.) **Metodologia das Ciências Humanas**. 2ª Ed. São Paulo: Hucitec/ UNESP, 1998, p. 183 – 197.

MAGNANI, J. G. C. Os Circuitos dos jovens urbanos. In. **Tempo Social Revista de sociologia da USP**, v. 17, n. 2, São Paulo, 2005, p. 173 – 205.

MANZINI, J. E. Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi estruturada. In. MARQUEZINE, M. C.; OMOTE, M. A. A. S. (orgs.) **Colóquios sobre pesquisa em educação especial**. Londrina: Eduel, 2003, p. 11 – 25.

MARIN, E. C. Entretenimento: uma mercadoria com valor em alta. **Revista Movimento**: Porto Alegre, v. 15, n. 02, abril/junho de 2009, p. 211-231.

MARIN, E. C.; PADILHA, V. Lazer e consumo no espaço urbano. In: **Revista Corpoconsciência 6**, Santo André, 2000.

MARCASSA, L.; MASCARENHAS, F. Lazer. In: GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. (Org.) **Dicionário Crítico de Educação Física**. Ijuí: Ed. Unijuí 2º Ed. Rev., 2010, p.255-259.

MARCASSA, L. Lazer – Educação, In. WERNEC, C. L. G. **Dicionário Crítico de Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MASCARENHAS, F.. **Lazer como prática da Liberdade**. Goiânia: Ed. UFG, 2003.

MASCARENHAS, F. Lazer e utopia: limites e possibilidades da ação política. **Revista Movimento**. Porto Alegre, v. 11, n. 3, set./dez. 2005, p. 155 – 182.

MINAYO, M. C. S. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In.: MINAYO, M. C. S. (org.) **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

PADILHA, V. **Tempo livre e capitalismo: um par imperfeito**. Campinas: Alínea, 2000.

ROLNIK, R. **O que é Cidade**. São Paulo: Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, 1995.

ROSA, C. N. **Círculos discursivos e dispositivos de segurança pública: paisagens do Guajuviras, território da paz.** Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Vale dos Sinos. 2012.

SCOZ, T. M. **O rap em Santa Maria - RS: análise antropológica sobre narrativas urbanas** / 2008. 68 f.

TEJERA, D. B. O.; AGUIAR, C. M.. O duelo de rimas no rap como atividade de Lazer de jovens. **LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 16, n. 1, 2013.

THOMPSON, Paul. **História oral: a voz do passado.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TOCHA, D. **História da cultura Hip Hop.** (2006) Disponível em <<http://www.overmundo.com.br/overblog/historia-da-cultura-hip-hop>>, acessado em setembro de 2015.

VALLE, L. A. B. do O Lazer como resistência, **Fórum Educacional**, 12 (4), Rio de Janeiro, out./dez. p. 44-50. 1988.

APÊNDICE A - ROTEIRO PARA OBSERVAÇÕES

O espaço e os equipamentos

- 1) Organização, iluminação, tamanho, circulação, formas de usos pelo público específico e condições.
- 2) Equipamentos utilizados – organização, origem, volume, etc.

O evento

- 1) Estimativa de participantes.
- 2) Localização e circulação de pessoas
- 3) Interação entre os participantes antes, durante e após a Batalha de *Freestyle*.
- 4) Interação com o espaço público em geral.

Os participantes

- 1) **Perfil dos participantes;**
- 2) **De onde, como e horário que chegam;**
- 3) **Como interagem entre si;**
- 4) **Linguagens utilizadas, conteúdos, sentidos e concepções.**

APÊNDICE B – ROTEIRO PARA ENTREVISTAS

BLOCO I: Sobre a constituição e o funcionamento da Batalha dos Bombeiros no contexto sociocultural da cidade de Santa Maria

- 1) Você poderia contar sobre a história de constituição do CORAP?
- 2) Como foi o processo de organização da Batalha dos Bombeiros, conte-nos sobre isso.
- 3) Fale um pouco sobre quais são as proposições e objetivos do CORAP.
- 4) Na sua opinião, como o CORAP dialoga com a organização da cultura e do lazer da juventude da periferia?
- 5) Como você percebe a Batalha dos Bombeiros dentro do contexto social e cultural da cidade de Santa Maria? Fale um pouco mais sobre essa relação.

BLOCO II: Sobre o local do evento e a apropriação dos locais públicos na cidade

- 1) Dentre os outros locais (Praças) da cidade como Praça Saturnino de Brito, Parque Itaimbé, Praça Saldanha Marinho, Largo da Locomotiva, Estação da Gare, a Praça dos Bombeiros foi escolhida para ser o local da organização das Batalhas de *rap*. Você poderia relatar como foi o processo de eleger um local para a realização?
- 2) Qual a sua visão sobre a organização e disposição dos espaços públicos como Praças, parques, na região central da cidade de Santa Maria?
- 3) Você poderia falar sobre quais as motivações dos jovens em se deslocar ao centro da cidade e se apropriar dos espaços públicos?
- 4) Tomando como referência o bairro em que você mora, como é a organização da cultura e do lazer da juventude lá? A juventude se organiza em torno de quais interesses? Você poderia falar um pouco sobre isso?

BLOCO III: Relações com movimentos sociais e grupos de ocupação de espaços públicos

- 1) O CORAP tem se articulado com movimentos sociais da cidade? Você poderia falar um pouco sobre essas aproximações e relações?

- 2) Ocorre alguma articulação com outros movimentos de juventude que visam à ocupação dos espaços públicos da cidade de Santa Maria? Você poderia citar quais são esses grupos? Você poderia falar sobre essa relação?

BLOCO IV: Batalha dos Bombeiros como tempo e espaço para a organização do Movimento *Hip Hop* no município de Santa Maria

- 1) Qual a importância que você atribui à Batalha dos Bombeiros para a organização do Movimento *Hip Hop* na cidade de Santa Maria? Fale um pouco sobre isso.
- 2) De que forma a Batalha dos Bombeiros tem favorecido o fortalecimento outros elementos constitutivos do *Hip Hop*, como o *beatbox*, *grafitti* e o *break*, por exemplo? Conte sobre isso.

BLOCO V: Experiência e sentido

- 1) A partir da sua experiência de vida na sua comunidade ou bairro e participação na construção do CORAP, qual sentido você atribui ao evento Batalha dos Bombeiros? Fale sobre isso.
- 2) Você gostaria de acrescentar algo que julgas importante e não contemplado na nossa conversa?

ANEXO A – DIVULGAÇÃO DA 38ª BATALHA DOS BOMBEIROS “NEGR@S NA LUTA, NO SANGUE E NA COR”



ANEXO B – DIVULGAÇÃO DA 46ª BATALHA DOS BOMBEIROS “NO CAMPO E NA CIDADE TEM MINA NA BATALHA”

